



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES - CCHLA
DEPARTAMENTO DE MEDIAÇÕES INTERCULTURAIS - DMI
CURSO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS APLICADA ÀS NEGOCIAÇÕES
INTERNACIONAIS

Ruud Gullyty Alves dos Santos

Repensando o ensino de francês no turismo:
uma crítica decolonial ao livro didático '*Bon Voyage*'

João Pessoa - PB

2024

Ruud Gullyty Alves dos Santos

**Repensando o ensino de francês no turismo:
uma crítica decolonial ao livro didático '*Bon Voyage*'**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais do Centro de Ciências Humanas Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Rennally Soares da Silva

João Pessoa, 30 de abril de 2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S237r Santos, Ruud Gullyty Alves Dos.

Repensando o ensino de francês no turismo : uma crítica decolonial ao livro didático 'Bon Voyage'. / Ruud Gullyty Alves Dos Santos. - João Pessoa, 2024. 68 f. : il.

Orientadora : Maria Rennally Soares da Silva.
TCC (Graduação) - Universidade Federal da Paraíba/Centro de Ciências, Letras e Artes, 2024.

1. Decolonialidade. 2. Francês para Objetivos Específico (FOS). 3. Francês do turismo. 4. Branquitude. I. Silva, Maria Rennally Soares da. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 81:338.48

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE MEDIAÇÕES INTERCULTURAIS LÍNGUAS
ESTRANGEIRAS APLICADAS ÀS NEGOCIAÇÕES INTERNACIONAIS

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova o Trabalho de Conclusão de Curso

**Repensando o ensino de francês no turismo:
uma crítica decolonial ao livro didático '*Bon Voyage*'**

Elaborado por
RUUD GULLYTY ALVES DOS SANTOS

Como requisito parcial para a obtenção do grau de BACHAREL EM LÍNGUAS
ESTRANGEIRAS APLICADAS ÀS NEGOCIAÇÕES INTERNACIONAIS

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Rennally Soares da Silva - DMI/UFPB
Orientadora

Profa. Dra. Sandra Helena Gurgel Dantas de Medeiros DLEM/UFPB
Membro da banca examinadora

Profa. Dra. Gilmara Viviane Castor de Andrade DMI/UFPB
Membro da banca examinadora

Prof. Silvia Renata Ribeiro DMI/UFPB
Suplente

João Pessoa, 30 de abril de 2024

AGRADECIMENTOS

A Deus, que em si carrega a fonte da sabedoria.

Aos meus pais e irmãos, que me fizeram acreditar que sou capaz e estiveram comigo nas madrugadas mais ansiosas que passei durante esta graduação.

À minha orientadora, querida Prof. Dra Rennally Silva, cuja orientação sábia e insights críticos enriqueceram significativamente minha pesquisa. Sua expertise e paciência foram fundamentais para o desenvolvimento e sucesso deste trabalho. Cada “querido, veja isso aqui” foi extremamente importante (rsr, permita-me aqui).

Aos meus professores do LEANI, pelo trabalho que desenvolvem no curso para além dos livros.

Aos membros da banca examinadora, pelo tempo dedicado à avaliação do meu trabalho e suas contribuições.

À minha outra família, venezuelanos, por me dar ânimo todo o tempo.

Aos meus amigos, que tanto me emprestam o coração.

FOLHA DE IDENTIFICAÇÃO

Instituição	UFPB – Universidade Federal da Paraíba
	Endereço: Prédio da reitoria – Campus I - UFPB - Cidade Universitária - Cep: 58059-900 - João Pessoa – PB (Brasil) Site: < http://www.ufpb.br >
Dirigentes	Reitoria Reitor: Prof. Dr. Valdiney Veloso Gouveia Pró-Reitoria de Graduação (PRG) Pró-Reitora: Profa. Dra. Silvana Carneiro Maciel Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA) Diretor: Prof. Dr. Rodrigo Freire de Carvalho e Silva Vice-Diretor: Prof. Dr. Marcelo Sitcovsky Santos Pereira Departamento de Mediações Interculturais (DMI) Chefe: Profa. Dra. Camila Braga Vice-Chefe: Prof. Dr. Roberto Carlos de Assis Curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais (LEANI) Coordenador: Prof. Dr. Roberto Vilmar Satur Vice-Coordenadora: Profa. Dra. Maria Rennally Soares da Silva
Trabalho de Conclusão de Curso	Repensando o ensino de francês no turismo: uma crítica decolonial ao livro didático ' <i>Bon Voyage</i> '
Execução	Orientador: Maria Rennally Soares da Silva Aluno: Ruud Gullyty Alves dos Santos

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

DROM-COM - *Départements d'Outre-Mer et Collectivités d'Outre-Mer*

FOS - Français para Objetivos Específicos (*Français sur Objectifs Spécifiques*)

FS - Francês de Especialidade (*Français Spécialité*)

LE - Línguas Estrangeiras

OMT - Organização Mundial do Turismo

QECRL - Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas

UFPB - Universidade Federal da Paraíba

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Capa Le Français en contexte	
Figura 02: Capa Tourisme.com	
Figura 03: Capa Bon Voyage!.....	39
Figura 04: Pág. 24 do livro Bon voyage.....	43
Figura 05: Pág. 25 do livro Bon voyage.....	44
Figura 06: Pág. 27 do livro Bon voyage.....	44
Figura 07: Capa do livro Bon Voyage.....	47
Figura 08: Pág. 28. “Oca africana” em destaque.....	53
Figura 09: Pág. 40 do livro Bon Voyage.....	56
Figura 10: Pág. 19. Imagem do estrangeiro	
Figura 11. Pg. 43. Imagem do estrangeiro.....	59
Figura 12: Pág. 91. Retrato da pessoa negra no livro.....	60
Figura 13: Pág. 40. Turista branco como benevolente.....	61

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Livros didáticos de Francês para o Turismo

LISTA DE GRÁFICOS

- Gráfico 01. Menções de Destinos no livro por países
- Gráfico 02. Menções de Destinos no livro por continente
- Gráfico 03. Répartitions des locuteurs quotidiens de français (2022)
- Gráfico 04. Porcentagem de países francófonos por continente no livro Bon Voyage

RESUMO

Considerando a interconexão entre culturas e mercados no mundo globalizado de hoje (Rosalem; Santos, 2010), o curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais (LEANI) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) forma negociadores para diversos mercados, incluindo o turismo, através do ensino de três línguas estrangeiras - o inglês, o espanhol e o francês, além do português como língua materna (UFPB, 2017). Neste contexto, o ensino de Francês para Objetivos Específicos (FOS) enfrenta certos desafios (Mangiante; Parpette, 2004), como a predominância de material didático eurocêntrico, o que limita a diversidade cultural e intercultural dos estudantes do curso em questão. Desse modo, motivados pela seguinte pergunta: a perspectiva eurocêntrica, presente em materiais didáticos de ensino de francês do turismo, compromete as relações interculturais, em ambiente de aprendizagem exolingue?, nosso objetivo geral é identificar a presença de aspectos de colonialidade veiculados no livro didático de ensino do francês para turismo *Bon Voyage! Français du Tourisme* (Dussac, 2017), tecendo críticas a partir de uma perspectiva decolonial. Assim, esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa (Mainardes e Marcondes, 2011), de natureza bibliográfica (Fonseca, 2022) e utiliza a etnografia crítica (Mainardes; Marcondes, 2011) como linha metodológica orientadora para a análise, bem como os estudos decoloniais, conceito teórico basilar deste trabalho (Quijano, 1992), para analisar o corpus da pesquisa, que consiste em excertos do material didático mencionado. Os resultados obtidos destacam a necessidade de revisão do material utilizado no ensino do francês do turismo, sugerindo a incorporação de discussões que promovam um entendimento mais equânime e mais aprofundado das complexidades interculturais e sociais, além de enfatizar a importância de transcender os clichês turísticos e de engajar os estudantes em uma reflexão crítica sobre a comercialização das culturas no turismo.

Palavras-chave: Decolonialidade. Francês para Objetivos Específicos (FOS). Francês do turismo. Branquitude.

ABSTRACT

Considering the interconnection between cultures and markets in today's globalized world (Rosalem; Santos, 2010), the Foreign Languages Applied to International Negotiations (LEANI) program at the Federal University of Paraíba (UFPB) prepares negotiators for various markets, including tourism, by teaching English, Spanish, and French, alongside Portuguese as the mother tongue (UFPB, 2017). In this context, the teaching of French for Specific Purposes (FOS) faces significant challenges (Mangiante; Parpette, 2004), such as the predominance of Eurocentric educational materials, which restricts the cultural and intercultural diversity of the students in the mentioned course. Therefore, prompted by the research question “does the Eurocentric orientation present in French for tourism teaching materials influence intercultural relations within an exolingual learning environment?”, this study aims to detect coloniality traits embedded in the textbook *Bon Voyage! Français du Tourisme* (Dussac, 2017), criticizing it from a decolonial perspective. Consequently, this research employs a qualitative methodology (Mainardes and Marcondes, 2011), is bibliographical in nature (Fonseca, 2022), and utilizes critical ethnography (Mainardes; Marcondes, 2011) as the methodological framework for analysis, alongside decolonial studies, the foundational theoretical concept of this study (Quijano, 1992), to examine the corpus of the study, which includes excerpts from the aforementioned educational material. The findings highlight the necessity of revising the material used in teaching French for tourism, suggesting the incorporation of discussions that promote a more equitable and deeper understanding of intercultural and social complexities as well as emphasizing the importance of transcending tourist clichés and engaging students in critical reflection on the commercialization of cultures in tourism.

Keywords: Decoloniality. French for Specific Purposes (FOS). French for Tourism. Whiteness.

RESUMEN

Teniendo en cuenta la interconexión entre culturas y mercados en el mundo globalizado actual (Rosalem; Santos, 2010), el curso de Lenguas Extranjeras Aplicadas a las Negociaciones Internacionales (LEANI) de la Universidad Federal de Paraíba (UFPB) prepara negociadores para diversos mercados, incluyendo el turismo, enseñando inglés, español y francés, así como portugués como lengua materna (UFPB, 2017). En este contexto, la enseñanza del Francés para Objetivos Específicos (FOS) enfrenta ciertos desafíos (Mangiante; Parpette, 2004), como la predominancia de material pedagógico eurocéntrico, lo que limita la diversidad cultural e intercultural de los estudiantes del curso mencionado. Así, motivados por la siguiente pregunta: ¿compromete la perspectiva eurocéntrica presente en los materiales didácticos del francés turístico las relaciones interculturales en un entorno de aprendizaje exolingüe?, nuestro objetivo principal es identificar la presencia de aspectos de colonialidad en el manual de francés turístico *Bon Voyage! Français du Tourisme* (Dussac, 2017), criticándolo desde una perspectiva decolonial. Por lo tanto, esta investigación adopta un enfoque cualitativo (Mainardes y Marcondes, 2011), es de naturaleza bibliográfica (Fonseca, 2022) y utiliza la etnografía crítica (Mainardes; Marcondes, 2011) como línea metodológica directriz para el análisis, así como los estudios decoloniales, concepto teórico fundamental de este trabajo (Quijano, 1992), para analizar el corpus de la investigación, que consiste en extractos del material didáctico mencionado. Los resultados obtenidos subrayan la necesidad de revisar el material utilizado para enseñar el francés turístico, sugiriendo la incorporación de discusiones que fomenten una comprensión más equitativa y profunda de las complejidades interculturales y sociales, además de destacar la importancia de superar los clichés turísticos y de involucrar a los estudiantes en una reflexión crítica sobre la comercialización de las culturas en el turismo.

Palabras clave: Decolonialidad. Francés para Objetivos Específicos (FOS). Francés del Turismo. Blanquitud.

RÉSUMÉ

Compte tenu de l'interconnexion entre les cultures et les marchés dans le monde globalisé d'aujourd'hui (Rosalem ; Santos, 2010), le cours de Langues Etrangères Appliquées aux Négociations Internationales (LEANI) de l'Université Fédérale de Paraíba (UFPB) forme des négociateurs pour divers marchés, y compris le tourisme, en enseignant l'anglais, l'espagnol et le français, ainsi que le portugais en tant que langue maternelle (UFPB, 2017). Dans ce contexte, l'enseignement du français sur objectifs spécifiques (FOS) est confronté à certains défis (Mangiante ; Parpette, 2004), tels que la prédominance du matériel pédagogique eurocentrique, ce qui limite la diversité culturelle et interculturelle des étudiants du cours en question. Ainsi, motivés par la question suivante : la perspective eurocentrique présente dans les matériels d'enseignement du français du tourisme compromet-elle les relations interculturelles dans un environnement d'apprentissage exolingue ? Notre objectif général est d'identifier la présence d'aspects de la colonialité véhiculés dans le manuel de français du tourisme Bon Voyage ! Français du Tourisme (Dussac, 2017), en le critiquant dans une perspective décoloniale. Ainsi, cette recherche adopte une approche qualitative (Mainardes et Marcondes, 2011), est de nature bibliographique (Fonseca, 2022) et utilise l'ethnographie critique (Mainardes ; Marcondes, 2011) comme ligne directrice méthodologique pour l'analyse, ainsi que les études décoloniales, concept théorique de base de ce travail (Quijano, 1992), pour analyser le corpus de la recherche, qui consiste en des extraits du matériel didactique susmentionné. Les résultats obtenus soulignent la nécessité de revoir le matériel utilisé pour enseigner le français du tourisme, en suggérant l'incorporation de discussions qui favorisent une compréhension plus équitable et plus approfondie des complexités interculturelles et sociales, ainsi qu'en soulignant l'importance de transcender les clichés touristiques et d'engager les étudiants dans une réflexion critique sur la commercialisation des cultures dans le tourisme.

Mots-clés: Décolonialité. Français sur Objectifs Spécifiques (FOS). Français du Tourisme.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	15
2.1 A FORMAÇÃO DO NEGOCIADOR INTERNACIONAL PARA O MERCADO DO TURISMO: DESAFIOS INTERCULTURAIS.....	18
2.2 O FRANCÊS PARA FINS ESPECÍFICOS (FOS), NO CONTEXTO DO LEANI UFPB....	21
3 PRECEITOS BASILARES DOS ESTUDOS DECOLONIAIS.....	24
3.1 COLONIALISMO X COLONIALISMO MODERNO X COLONIALIDADE.....	26
3.2 MENTALIDADE COLONIAL.....	28
3.3 DESCOLONILIZAÇÃO E DECOLONIALIDADE.....	30
3.4 ATITUDE DECOLONIAL.....	33
4. METODOLOGIA.....	35
5.1 REPRESENTAÇÕES CULTURAIS.....	42
5.2 BRANQUITUDE E REPRESENTAÇÕES DO TURISTA.....	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS	
REFERÊNCIAS	

1 INTRODUÇÃO

No alvorecer do século XXI, a globalização avançou e, por consequência, a interconexão entre culturas e mercados, trazendo consigo novos desafios e oportunidades para a educação global (Rosalem; Santos, 2010). Em particular, a educação linguística tem enfrentado a necessidade urgente de adaptar-se a esse panorama em que a interculturalidade e a competência comunicativa tornam-se habilidades cruciais. Neste contexto, o curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais (LEANI) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), lócus de realização deste trabalho, emerge como um campo fértil para a investigação e desenvolvimento dessas competências, formando negociadores capazes de operar eficazmente em diversos mercados internacionais, como o turismo, o comércio e a diplomacia, dentre outros espaços profissionais.

O LEANI oferece uma formação abrangente em três línguas estrangeiras - o inglês, o espanhol e o francês, além do português como língua materna. No âmbito do ensino do francês, o curso abrange áreas especializadas como francês jurídico, francês para negociações internacionais e francês para turismo, cada uma adaptada às necessidades específicas do mercado global, enfoque multilíngue que não apenas amplia as capacidades profissionais dos estudantes, mas também os prepara para enfrentar desafios interculturais complexos no cenário internacional. No curso, o ensino de Francês para Objetivos Específicos (FOS¹), quando se volta para o turismo, assume um papel significativo, dada a ampla utilização do francês em vários continentes e a sua relevância para o setor turístico global. Contudo, enfrenta-se uma problemática central: a predominância de materiais didáticos concebidos na França para esse fim, que tendem a apresentar uma perspectiva eurocêntrica. Esse fato pode limitar a eficácia do ensino, ao não possibilitar a diversidade cultural e as necessidades interculturais dos estudantes, especialmente os do curso LEANI, na UFPB, no Nordeste do Brasil, que buscam, em seu percurso formativo, um amplo contato sociocultural.

Neste contexto, este estudo se faz relevante, pois visa responder à pergunta de pesquisa: a perspectiva eurocêntrica, presente em materiais didáticos de ensino de francês do turismo, compromete as relações interculturais, em ambiente de aprendizagem exolingue? Além disso, o

¹ Utilizaremos, para nos referir ao Francês para Objetivos Específicos, a sigla “FOS” que significa, em francês: *Français sur Objectifs Spécifiques*.

trabalho não só contribui para a literatura em turismo e educação linguística, mas também desafia as práticas educacionais convencionais, promovendo uma abordagem mais inclusiva e equitativa. Para isso, tem-se como objetivo geral: identificar a presença de aspectos de colonialidade veiculados no livro didático de ensino do francês do turismo *Bon Voyage! Français du Tourisme* (Dussac, 2017), que consiste em nosso objeto de estudo, tecendo uma crítica a partir do prisma decolonial.

Nesta pesquisa, utilizamos a abordagem qualitativa (Mainardes e Marcondes, 2011), que nos permite explorar as dinâmicas sociais e culturais complexas presentes no livro, indo além das aparências para entender os contextos, relações e significados subjacentes. Além disso, recorreremos à pesquisa bibliográfica e documental (Fonseca, 2022) para fundamentar nossa análise com um robusto quadro teórico e para examinar diretamente o livro didático em si, respectivamente. Implementamos a triangulação metodológica (Flick, 2018 *apud* Santana e Paiva, 2022; Denzin, 2018) para reforçar a validade dos nossos achados, combinando diferentes métodos e fontes de dados — como análise teórica, observação direta e revisão bibliográfica — para obter uma compreensão mais completa e validada dos fenômenos estudados. E por fim, a etnografia crítica (Thomas, 1993 e Schwandt, 1997 *apud* Mainardes e Marcondes, 2011), que nos permite uma imersão nas representações culturais e nas práticas educativas propostas pelo livro por meio da observação, permitindo-nos também refletir sobre as estruturas de poder que essas práticas podem reforçar.

A segunda seção deste trabalho foi dividida em duas partes, a saber: a) a formação do negociador internacional para o mercado do turismo: desafios interculturais e b) O Francês para fins específicos (FOS), no contexto do LEANI UFPB. O intuito da referida seção foi de contextualizar o trabalho no curso LEANI da UFPB e abordar os desafios interculturais enfrentados por negociadores internacionais, além também de refletirmos sobre como a formação específica em línguas estrangeiras, particularmente o Francês (FOS), é aplicada para prepará-los para essas complexidades.

Na terceira seção, discutiremos os preceitos basilares dos estudos decoloniais com base nos estudos de Quijano (1992) e Maldonado-Torres (2007; 2011; 2016; 2018), explorando a definição do colonialismo, da colonialidade e da decolonialidade, sendo este último, um parâmetro teórico que nos permitiu analisar os dados coletados no objeto de estudo em questão. Apesar da independência política das nações anteriormente colonizadas marcar o fim do

colonialismo formal, as práticas turísticas ainda reproduzem relações de poder coloniais, comercializando culturas e explorando recursos de forma desigual (Santos, 2011; Quintero, Figueira, Elizalde, 2019). A referida seção argumenta, pois, pela necessidade de um turismo que respeite as culturas locais e promova o desenvolvimento sustentável, utilizando os estudos decoloniais para questionar e transformar as estruturas de poder existentes (Maldonado-Torres, 2018).

A quinta seção do estudo apresenta as descobertas relativas a duas categorias de análise estabelecidas, a saber: a) representações culturais e b) branquitude e representações do turista, veiculadas no livro *Bon Voyage!* de Dussac (2017). Em nossa análise, destacamos que o referido livro didático estrutura atividades turísticas de forma a reforçar estereótipos e perpetuar uma visão mercantilista dos destinos, com uma predominância de locais europeus e ocidentais, marginalizando outras culturas. As imagens utilizadas reforçam uma narrativa de branquitude, associando indivíduos brancos com o status de turista e relegando pessoas de cor a papéis de servidão ou habitantes locais, perpetuando estereótipos raciais e coloniais. Essa abordagem ressalta a necessidade de uma reformulação decolonial do material, que respeite a diversidade cultural e promova um turismo ético e educativo, valorizando todas as culturas e representando de maneira equitativa todas as raças e etnias como participantes ativos no turismo mundial, quebrando padrões coloniais e fomentando um entendimento intercultural mais profundo e equitativo.

As considerações finais do estudo enfatizam a necessidade de reformulações pedagógicas nos materiais didáticos de línguas aplicadas ao turismo, destacando como as representações eurocêntricas e estereotipadas no livro didático analisado podem distorcer a percepção dos alunos sobre diversas culturas e reforçar desigualdades globais. Sublinha-se a importância de engajar os estudantes em uma reflexão crítica sobre as relações de poder e representações culturais, promovendo uma educação que transcenda clichês turísticos e que seja verdadeiramente inclusiva e global. Além disso, o trabalho sugere que educadores e autores de materiais didáticos devem ser agentes de mudança, fomentando uma nova geração de profissionais do turismo que valorizem a diversidade cultural e pratiquem um turismo mais justo e sustentável.

2.1 A FORMAÇÃO DO NEGOCIADOR INTERNACIONAL PARA O MERCADO DO TURISMO: DESAFIOS INTERCULTURAIS

Iniciado na década de 1970, na Universidade de La Rochelle, na França, e estabelecido na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) em 2009, o curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais (doravante LEANI) representa uma inovação significativa na educação superior brasileira. O curso foi concebido para responder à crescente demanda por profissionais qualificados em línguas estrangeiras que possam atuar em diversas áreas de negociação, incluindo comércio, diplomacia e turismo. Com uma estrutura interdisciplinar e métodos pedagógicos que incluem o ensino presencial, uso de tecnologias de informação, e uma matriz curricular organizada em torno de núcleos temáticos que promovem uma articulação contínua entre teoria e prática, o LEANI combina o estudo das línguas estrangeiras inglês, francês e espanhol com conhecimentos aplicados ao direito, administração, contabilidade, economia e turismo, preparando os graduandos para enfrentarem desafios em um contexto globalizado (UFPB, 2017). Este curso de bacharelado é notável não apenas por sua abordagem interdepartamental, mas também pela sua capacidade de ligar o aprendizado acadêmico às realidades socioeconômicas e culturais. Destaca-se pela formação de negociadores internacionais que são proficientes não apenas tecnicamente, mas também em suas capacidades de mediar e construir entendimento em ambientes multiculturais, essenciais para o setor turístico. O curso reflete um compromisso com a diversidade cultural, a ética, e as questões étnico-raciais, preparando seus egressos para atuarem respeitosamente nas complexas interações que caracterizam o turismo global.

Dito isso, no que concerne ao setor do turismo, utilizamos a sua definição proposta pela Organização Mundial do Turismo (OMT) nas *Recomendaciones Internacionales para Estadísticas de Turismo* (RIET, 2008), que o entende como um fenômeno social, cultural e econômico que envolve o movimento de pessoas para lugares fora de seu ambiente habitual para fins pessoais ou comerciais/profissionais. Para se ter uma ideia da relevância econômica deste setor, segundo Pimentel, Paula e Oliveira (2016), o turismo está entre os três tipos de atividades de maior faturamento e lucratividade do mundo, competindo nesse ranking, com a indústria do petróleo, a automobilística e a farmacêutica e Crestincov (2021) ao interpretar relatórios da OMT

mostra que em 2019, o Brasil percebia 2.183.000 empregos na indústria do turismo e naquele ano recebeu 6.4 milhões de turistas internacionais.

Também consideramos definir o termo Turismo Global enquanto uma característica de interdependência e de conexão promovida pelas dinâmicas de globalização, sob as quais as fronteiras econômicas e geopolíticas se tornam cada vez mais permeáveis, ideia explorada pelo trabalho de Dwyer (2015), no qual o autor explica que o Turismo Global não é apenas uma atividade econômica que movimenta bilhões anualmente; é também um vetor de intercâmbio cultural e de influência social, por meio do qual práticas, valores e ideias são constantemente negociadas e redefinidas. Neste sentido, a formação do LEANI busca capacitar seus graduandos a entender e mediar os desafios que surgem dessas interações complexas, utilizando suas habilidades linguísticas e interculturais para facilitar negociações e promover um entendimento mútuo em um campo que é tanto economicamente significativo quanto culturalmente sensível.

Um primeiro desafio intercultural deste contexto é o desenvolvimento da consciência sobre as dinâmicas culturais e de poder, tema central dos estudos culturais, segundo Sardar e Loon (2012), que aparecem nas negociações internacionais, particularmente evidente no setor turístico. A compreensão deste tema é crucial, visto que o poder influencia desde a escolha de destinos turísticos até as políticas de engajamento com comunidades locais. Para os negociadores internacionais, reconhecer como as relações de poder afetam as interações culturais é essencial para mediar com sucesso entre as partes, conforme já apontava Hofstede (1980) e reforçado por Thomas e Inkson (2004), garantindo que a comunicação seja não apenas eficaz, mas também respeitosa e sensível às diversas realidades culturais, a começar pelo desenvolvimento de autoconsciência sobre as próprias posições de poder que o negociador internacional e seus interlocutores detém, e na sensibilidade cultural como ferramentas indispensáveis, uma vez que, segundo Adler e Gunderson (2008), ao participarem de quaisquer negociações ou intermediação, os negociadores internacionais podem inadvertidamente reforçar ou desafiar estruturas de poder existentes, ou seja, suas ações e palavras podem ser percebidas de forma diferente a depender do contexto cultural para o qual ela é apresentada, o que chama a atenção para a habilidade de reconhecer e ajustar a própria abordagem deste profissional.

Para fomentar uma reflexão crítica sobre o turismo e suas implicações culturais e políticas, é necessária uma abordagem interdisciplinar que cruze os limites entre o ensino de línguas, estudos culturais e estudos de turismo. Análises de discursos turísticos, projetos de

pesquisa-ação, estudos de caso, participar de projetos de turismo comunitário e trabalhar com as comunidades locais pode oferecer experiências de aprendizado valiosas que enriquecem o conhecimento dos alunos sobre as relações interculturais e de poder, pois permitem que os alunos estudem e interajam de forma significativa em atividades turísticas.

A formação em LEANI vai de encontro a outro desafio enfrentado pelos profissionais que atuam no setor turístico - o das barreiras linguísticas e de comunicação, que em primeiro momento pode gerar sentimento de impotência no profissional por não poder se comunicar, conforme problematiza Moreira *et al.* (2017) e em segundo momento, por ser a interação linguística uma forma de aproximar dois mundos diferentes (García, 2013; Moreira *et al.*, 2017) e ser marcador de diferencial profissional, chegando a ter acréscimo na remuneração aqueles com conhecimentos linguísticos (Crestincov, 2021). Os egressos do curso são munidos de capacidades linguísticas e interculturais nos idiomas espanhol, inglês e francês, além da língua materna e incentivados a aprenderem ainda outros, a partir de ações de plurilinguismo, a exemplo da disciplina de intercompreensão de línguas românicas, que é ofertada como optativa no referido curso e, ainda, de cursos e de eventos que são realizados em línguas diversas, abrindo espaços para os egressos do LEANI no horizonte profissional global. Evidentemente, considera-se que a não superação da barreira linguística pode resultar em problemas de comunicação, que por sua vez podem prejudicar a experiência turística de visitantes e anfitriões, causando mal-entendidos, frustrações e até mesmo ofensas (Tondelli, 2005). No entanto, neste curso, busca-se o aprimoramento linguístico-cultural, por meio de disciplinas, de cursos, oficinas, de eventos e ações de ensino, pesquisa e de extensão, a fim de evitar tais problemas.

Diante deste cenário, a tomada de consciência sobre a alteridade e a diversidade bem como das relações entre o Eu e o Outro torna-se uma ação imperativa, conforme problematiza Ramos (2011), uma vez que é no encontro com o diferente que o verdadeiro intercâmbio cultural acontece, no entanto, esta pauta envolve reconhecer e valorizar tanto as identidades individuais quanto as coletivas, além de compreender as complexas relações que tecemos uns com os outros e com o "Outro". Esse entendimento profundo impacta diretamente na forma como acolhemos ou excluimos as diferenças, influenciando na promoção da inclusão ou na perpetuação da discriminação. A proximidade cotidiana com o "Outro" desafia os profissionais a superarem preconceitos e a praticarem genuinamente o respeito e a aceitação da diversidade cultural, indo além do discurso para a ação concreta.

2.2 O FRANCÊS PARA FINS ESPECÍFICOS (FOS), NO CONTEXTO DO LEANI UFPB

Para avançar da discussão sobre os desafios interculturais enfrentados por negociadores internacionais no mercado do turismo, é essencial considerar a importância das ferramentas linguísticas necessárias para navegar neste campo complexo. Dentro do Curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais (LEANI) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), o ensino do Francês para Fins Específicos (FOS) assume um papel crucial. Esta subseção explora como o FOS é estruturado no LEANI, destacando a especificidade e aplicabilidade do francês no contexto profissional do turismo, onde a competência linguística é diretamente ligada à eficácia comunicativa e ao sucesso intercultural. Este enfoque não apenas complementa a formação do negociador, mas também amplia suas capacidades de atuação em um mercado global diversificado.

A integração do ensino de Línguas Estrangeiras (LE) no preparo de profissionais para o mercado globalizado, especialmente no setor turístico, é um campo que tem visto expansão e especialização notáveis. Entre as abordagens educacionais voltadas para este propósito, destaca-se o Francês para Objetivos Específicos (FOS), um método que alinha a aprendizagem da língua à necessidade específica de comunicação em ambientes profissionais distintos. O FOS, conforme Mangiante e Parpette (2004), diferentemente do ensino geral da língua francesa, por sua aplicação direta nas esferas profissionais, como turismo, negócios, direito, saúde, educação, tecnologia etc., se trata de uma resposta às exigências comunicativas particulares dos profissionais em seus respectivos campos de atuação.

O FOS nasce como uma abordagem que se diferencia por seu foco estreito em atender necessidades linguísticas específicas de públicos especializados, de acordo com Mangiante e Parpette (2004) e encontra lugar de aplicação em estudo como o de Crestincov (2021) que destaca a importância de adaptar o ensino a contextos específicos e evidencia a necessidade de um ensino personalizado que responda diretamente às situações comunicativas particulares enfrentadas pelos profissionais em diversos campos. Ao invés de abarcar o vasto espectro da língua francesa, como se viria em uma abordagem mais generalista (aqui denominada de Francês Geral), o FOS se concentra em vocabulário, estruturas gramaticais e situações de comunicação diretamente relacionadas à área de especialização do aprendiz, seja ela no turismo, negócios,

direito ou qualquer outro campo profissional, o que requer um diagnóstico preciso das necessidades de comunicação oral e escrita do aprendiz, seleção criteriosa de materiais didáticos e um planejamento de curso que respeite o tempo disponível para o aprendizado (Crestincov, 2021). Segundo Cuq e Gruca (2005), essa metodologia é essencial para desenvolver programas de ensino "à la carte", que ofereçam uma formação altamente personalizada e imediatamente aplicável ao contexto profissional do aluno. O foco minucioso do FOS em cada situação profissional, ressalta a flexibilidade e a adaptabilidade deste para atender às exigências de comunicação específicas de seus aprendizes.

Destarte, o francês, terceiro idioma mais relevante para o mercado turístico brasileiro, após o inglês e o espanhol, de acordo com Crestincov (2021), tem mostrado um crescimento considerável em sua importância ao longo das últimas décadas, refletindo evoluções nas teorias linguísticas e nas demandas comunicativas dos aprendizes. No contexto do turismo brasileiro, a presença de países francófonos é notável: a França, em 2019 figurou como a sexta nação que mais enviou turistas ao Brasil e, para além da Europa, países africanos francófonos como Cabo Verde, Marrocos, Moçambique e Angola também contribuíram expressivamente, com 28,43% dos visitantes francófonos, totalizando 31,267 turistas naquele mesmo ano, conforme o Anuário Estatístico de Turismo (2021, p. 16), dados que destacam não apenas a relevância do francês como língua global, mas também a importância de desenvolver programas de ensino que abordem a diversidade da francofonia.

Sobre a preparação de materiais didáticos para o ensino do FOS, Crestincov (2021) destaca que se trata de um processo meticuloso que demanda compreensão profunda das necessidades específicas do público-alvo, para a qual lança mão da abordagem metodológica *démarche-type* apresentada por Mangiante e Parpette (2004) que descreve o processo em cinco etapas, começando pela identificação da demanda de formação, geralmente oriunda de instituições educacionais ou empresas, que definem o público-alvo, local, carga horária e objetivos específicos da formação; seguido pela análise de necessidades e coleta de dados, normalmente realizada através de questionários que buscam entender as principais situações de comunicação oral e escrita enfrentadas pelos alunos, bem como a reunião de documentos autênticos; análise dos dados e materiais coletados e, por fim, a didatização ou transformação desse material em atividades pedagógicas.

Também problematizamos sobre as possibilidades de coleta de materiais didatizados para o ensino de língua francesa voltada para fins profissionais ou específicos, em conformidade com um prisma decolonial, entendendo que o eurocentrismo possui influência nesses materiais concebidos no continente em questão, na maior parte dos casos, na França. Assim, entendemos não há muitas possibilidades de materiais didáticos interculturais que contemplem tanto as representações ditas “francófonas” e as narrativas coloniais que são veiculadas nestes materiais, concordando com Santaroni e Diez (2004) quando dizem que os materiais didáticos, incluindo livros e conteúdos estruturados por professores, desempenham papel crucial no ensino de línguas estrangeiras, não apenas como recursos para a construção de conhecimento, mas também como ferramentas significativas na formação e transmissão de representações sociais e linguísticas, podendo moldar a maneira como as sociedades e as línguas são percebidas no contexto educacional. Como esses mesmos autores destacam da observação de Choppin (2004), por serem os materiais didáticos uma adaptação da realidade para fins educacionais, podem apresentar uma versão da sociedade frequentemente idealizada, onde a moral prevalece e as complexidades, como conflitos sociais e violências, são omitidas.

Esse fenômeno é particularmente relevante no ensino de línguas estrangeiras, como o francês, onde os manuais didáticos podem reforçar uma hegemonia cultural e linguística europeia, quando priorizam perspectivas e conteúdos relacionados principalmente à França e associam este idioma ao que se considera glamour e elegância da França (Peruchi, 2005; Gouveia, 2014), muitas vezes em detrimento da rica diversidade da francofonia global, contribuindo para uma visão estreita e, em certa medida, desatualizada da língua francesa, além de subestimar a complexa interação entre língua e sociedade, conforme discutido por Labov (2008), o que reforça a necessidade de uma revisão crítica dos materiais didáticos, com a inclusão de contextos, textos e diálogos que reflitam a diversidade geográfica, cultural e social do francês contemporâneo para que assim se desenvolva um ensino de FOS mais inclusivo e representativo.

Nesta direção, os professores da disciplina de Francês aplicado ao Turismo do Curso de LEANI da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) enfrentam o desafio de selecionar um material que abranja um vocabulário e situações comunicativas pertinentes ao turismo, mas que também reflitam as realidades interculturais que os estudantes podem encontrar em suas carreiras profissionais (UFPB, 2017). No entanto, a oferta de livros didáticos que atendam a essas necessidades específicas é limitada e por esta razão os professores, frequentemente se veem na

necessidade de recorrer a materiais complementares ou à didatização de conteúdos autênticos para suplementar os disponíveis, processo que envolve a transformação de conteúdos utilizados no cotidiano para fins não didáticos, em exercícios educativos que se alinhem aos objetivos pedagógicos da disciplina, como explicado anteriormente. Essa abordagem não só enriquece o aprendizado, tornando-o mais aplicável e engajante, mas também ajuda a preencher as lacunas deixadas pelos livros didáticos tradicionais.

Conforme veremos na Seção de Metodologia, apoiado no estudo de Crestincov (2021) em se tratando de Francês para Turismo, três principais livros didáticos são frequentemente utilizados: "*Le Français en Contexte - Tourisme*" (2013) da Editora Maison des Langues; "*Tourisme.com*" (2013) da Editora CLE International; e "*Bon Voyage! Français du Tourisme*" (2017), também da CLE International. Estes, apesar de serem recursos valiosos, não abrangem ou não trazem particularidades do contexto brasileiro e as complexidades interculturais que os alunos podem enfrentar, refletindo uma lacuna significativa entre o material disponível e as necessidades específicas dos alunos na UFPB e evidencia a importância da criação de conteúdo personalizado que considere o contexto local e as especificidades regionais do turismo.

A falta de materiais que verdadeiramente representem a diversidade “francófona” e as nuances interculturais específicas ao Brasil pode levar a uma formação que, embora competente no uso linguístico, é potencialmente deficiente em competência intercultural (Santaroni e Diez, 2004; Peruchi, 2005). Este desafio sublinha a necessidade crítica de desenvolver novos recursos didáticos que se alinhem mais estreitamente com as realidades culturais e linguísticas dos estudantes da UFPB a fim de se promover uma educação mais inclusiva e representativa.

3 PRECEITOS BASILARES DOS ESTUDOS DECOLONIAIS

Esta seção aborda os preceitos basilares dos estudos decoloniais baseado nos estudos de Quijano (1992a) e Maldonado-Torres (2007, 2011a, 2016a, 2016b, 2018), destacando como essas ideias aplicam-se no contexto específico do turismo global, que, embora no passado tenha sido promovida como uma indústria inofensiva e promissora para o desenvolvimento econômico, frequentemente reproduz e reforça relações coloniais de poder (Santos, 2011).

Apesar da independência política de várias nações anteriormente colonizadas marcar o término oficial do colonialismo formal, as cicatrizes deixadas por tal período histórico

permanecem evidentes em múltiplas esferas da vida contemporânea, notavelmente no âmbito do turismo global. Este, ao comercializar culturas locais, fetichizar² experiências ditas autênticas, e explorar de forma desigual recursos naturais, manifesta uma continuidade de práticas que, sub-repticiamente, perpetuam desequilíbrios de poder. Este panorama evidencia a necessidade de uma análise crítica fundamentada nos estudos decoloniais, que se propõem a desvelar e questionar tais mecanismos de subjugação.

Neste sentido, os estudos decoloniais oferecem um arcabouço teórico essencial para a compreensão das dinâmicas complexas que subjazem às relações de poder inscritas no turismo (Quintero, Figueira e Elizalde, 2019). A abordagem decolonial, ao focalizar na descolonização do saber, do ser e do poder, permite uma crítica aprofundada das formas como o turismo pode servir como veículo para a perpetuação de estruturas neocoloniais. Assim, questiona-se não apenas a comercialização das culturas e a exploração dos recursos naturais, mas também a própria noção de autenticidade e a maneira como ela é construída e vendida aos turistas.

Ao trazer à tona a discussão sobre as implicações éticas e culturais que permeiam o design e a oferta de produtos turísticos, os estudos decoloniais instigam a busca por alternativas que promovam um turismo verdadeiramente inclusivo e respeitoso. Essa busca por alternativas envolve não apenas a reavaliação das práticas turísticas existentes, mas também a valorização e o empoderamento das comunidades locais, assegurando que sejam elas as principais beneficiárias do turismo, em vez de meros objetos de consumo turístico.

Portanto, o desafio colocado pelos estudos decoloniais no contexto do turismo global é duplo: por um lado, requer o desvelamento crítico das continuidades coloniais presentes nas práticas turísticas contemporâneas; por outro, demanda a concepção e implementação de formas de turismo que, genuinamente, respeitem e valorizem as culturas locais, promovam a equidade e fomentem o desenvolvimento sustentável. Este trabalho buscou elucidar como os estudos decoloniais podem iluminar os caminhos para atingir tais objetivos, propondo uma reflexão crítica sobre o papel do turismo na sociedade contemporânea e suas potencialidades como força para o bem comum, quando reimaginado sob uma perspectiva decolonial.

² O conceito de fetichização refere-se ao processo pelo qual elementos culturais, como produtos tradicionais e saberes locais, são transformados em mercadorias ditas “exóticas” para atender às demandas do mercado turístico. Esse processo pode levar à redução e banalização dos significados originais dos bens culturais, afetando a continuidade e autenticidade dos saberes tradicionais e práticas geracionais (Conceição e Londero, 2017).

3.1 COLONIALISMO X COLONIALISMO MODERNO X COLONIALIDADE

O colonialismo, conforme descrito por Maldonado-Torres (2007), é um processo histórico iniciado no século XV, marcado pela expansão, conquista, ocupação e controle de territórios por potências europeias. Este fenômeno envolveu não apenas a exploração e apropriação de terras e recursos, mas também a imposição de estruturas políticas, econômicas, sociais e culturais sobre as populações nativas. O conceito se estende ao colonialismo moderno, uma fase evolutiva caracterizada por métodos específicos utilizados por impérios ocidentais durante a era colonial moderna, incluindo a exploração intensiva de recursos, a escravidão, e a aplicação de sistemas políticos e econômicos particularizados, adaptando-se às mudanças globais, mas sem abandonar as premissas básicas do colonialismo clássico ao integrar as colônias na economia mundial como fornecedoras de matérias-primas e consumidoras de produtos fabricados nas metrópoles, perpetuando assim uma relação de dependência econômica.

A colonialidade, conforme descreve Maldonado-Torres (2007), refere-se à persistência de estruturas de poder, conhecimento e ser que foram estabelecidas durante o colonialismo e continuam a influenciar as sociedades mesmo após o término da colonização formal, resguardadas as discussões como a de Cumming (2003) que apontam as coletividades como os DROM-COM (*Départements d'Outre-Mer et Collectivités d'Outre-Mer*) como exemplo de colônias formais de certos impérios como a França e a Inglaterra mesmo nos tempos de hoje. Este conceito evidencia como, apesar do desmantelamento oficial dos impérios coloniais, suas lógicas subjacentes ainda moldam as realidades sociais, culturais e políticas atuais. A colonialidade também destaca a continuação da desumanização de certos grupos, mesmo sem um controle colonial direto, mostrando que os legados do colonialismo ainda estão profundamente enraizados nas estruturas contemporâneas.

Os eixos fundamentais da colonialidade, identificados como poder, saber e ser, são analisados criticamente por Quijano (1992), Lander e Castro-Gómez (2000) e Maldonado-Torres (2007), respectivamente. Quijano (1992) discute a "colonialidade do poder", destacando como as hierarquias sociais e raciais estabelecidas durante o colonialismo continuam a influenciar as relações de poder contemporâneas. Lander e Castro-Gómez (2000) exploram a "colonialidade do conhecimento", argumentando que os modos de produção e validação do conhecimento ainda são fortemente marcados por perspectivas eurocêntricas. Maldonado-Torres (2007), por sua vez,

aborda a "colonialidade do ser", refletindo sobre as formas como as identidades foram e continuam sendo moldadas por essas dinâmicas coloniais, tema também discutido por Boukhris e Peyvel (2019).

A dita "descoberta" do indígena americano ilustra um dos episódios mais significativos desse fenômeno, servindo como um ponto de inflexão no modo como a humanidade compreendia a si mesma e ao mundo ao seu redor. O encontro entre europeus e povos indígenas das Américas não representou meramente uma expansão territorial ou um choque de culturas, mas desencadeou, conforme descrito por Maldonado-Torres (2018, p. 32), uma transformação profunda nos paradigmas de conhecimento, nas concepções de existência e nos valores éticos da época através da imposição de modelos administrativos e econômicos europeus, substituição de línguas e redefinição de identidades. Mais do que um encontro entre culturas distintas, representou um choque que gerou resistências, adaptações e hibridizações.

A análise do colonialismo, portanto, demanda uma abordagem multidisciplinar, que considere não apenas o contexto histórico e geográfico, mas também as repercussões filosóficas, culturais e éticas que emergiram desse processo. O estudo de Maldonado-Torres (2018) oferece uma perspectiva crucial para entender essas transformações, salientando como o encontro com o "outro" – neste caso, o indígena americano – desafiou as concepções europeias pré-existentes e contribuiu para a construção de uma nova visão de mundo.

Este processo, embora muitas vezes romantizado nas narrativas históricas, revela uma complexidade de interações humanas marcadas por conflitos, assimilações e resistências. Através do colonialismo, não só territórios foram dominados, mas também se buscava a dominação de corpos e mentes, em um esforço para reconfigurar as sociedades de acordo com os interesses e valores dos colonizadores (Maldonado-Torres, 2018). No entanto, este processo não se deu sem resistência, e as marcas deixadas pelo colonialismo são evidentes não apenas nas estruturas sociais e políticas dos países colonizados, mas também nas suas tradições culturais, línguas e identidades.

Consequentemente, o colonialismo não pode ser compreendido apenas como um capítulo encerrado na história da humanidade, mas como um fenômeno cujas repercussões continuam a influenciar as relações internacionais, as questões de identidade nacional e cultural, e os debates sobre direitos humanos e justiça social. A reflexão sobre a colonialidade, enriquecida por estudos como o de Quijano (1992) e Maldonado-Torres (2018), permite não apenas uma

compreensão mais profunda das dinâmicas de poder e resistência que caracterizam este processo, mas também uma reavaliação crítica das narrativas históricas que o têm definido.

3.2 MENTALIDADE COLONIAL

A mentalidade colonial, um constructo histórico e social intrinsecamente ligado às práticas e às ideologias de dominação de um povo sobre outro, perpetua-se através de diversas esferas da vida contemporânea. O turismo, como vetor poderoso para a circulação de estruturas de pensamento colonial (Boukhris e Peyvel, 2019), exemplifica como práticas cotidianas podem servir como meio de propagação dessas estruturas. Nesse contexto, a atemporalidade do legado do colonialismo, descrita por Maldonado-Torres (2018, p. 27), destaca a permanência de lógicas e conflitos antiquados, que sobrevivem no tempo e influenciam diretamente a forma como grupos são percebidos e categorizados.

Dito isto, expomos agora algumas estratégias coloniais, compreendidas como parte da mentalidade colonial, utilizadas para legitimar e assegurar a dominação sobre os povos colonizados. Uma dessas estratégias inclui a apresentação de territórios indígenas como “descobertos”, e a colonização como um veículo de civilização, enquanto a escravidão é justificada como um meio de disciplinar o colonizado. Esse enquadramento histórico, embasado na suposta superioridade do colonizador, estabelece uma relação de dependência e inferiorização dos povos colonizados (Maldonado-Torres, 2018).

O entendimento de que ao mundo descoberto faltava civilização, conforme problematiza Alam (2005), embasou a iniciativa colonial de integrar os povos marginalizados aos domínios da soberania. Esta visão, apoiada pela criação de um direito internacional, reflete uma postura etnocêntrica e superior, onde o colonizador se vê como portador da civilização aos considerados sub-humanos, uma percepção que sublinha a degradação humana a categorias inferiores, perpetuando a visão do colonizado como dócil e grato.

A categorização da vida das pessoas em períodos pré e pós-coloniais revela uma dicotomia marcante, onde o pós-colonial é associado a conceitos positivos como progresso e civilização, enquanto o pré-colonial é frequentemente visto sob uma luz pejorativa, descrito como primitivo ou atrasado. Esta divisão, conforme discutido por Maldonado-Torres (2018, p. 31),

exige uma reflexão crítica para desvendar a persistência de marcadores de civilização que perpetuam estereótipos prejudiciais e reforçam desigualdades e hierarquias culturais.

O legado dessa relação não se limita a um passado distante, mas persiste em estruturas e instituições contemporâneas, refletindo uma lógica e um ethos colonizantes. No âmbito jurídico, por exemplo, estruturas legais estabelecidas durante o período colonial ainda mantêm elementos que perpetuam desigualdades e injustiças, ilustrando como a colonização moldou, de forma duradoura, as normas e práticas jurídicas (Maldonado-Torres, 2018).

No setor educacional, currículos escolares que favorecem perspectivas eurocêntricas em detrimento das culturas locais ou indígenas exemplificam como a educação continua a refletir e a reforçar hierarquias coloniais. Instituições educacionais, por sua natureza, perpetuam normas e valores impostos durante o período colonial, contribuindo para a marginalização de saberes e perspectivas não ocidentais (Maldonado-Torres, 2018).

A mídia, por sua vez, desempenha um papel significativo na manutenção da mentalidade colonial através da representação estereotipada de culturas não ocidentais. Estruturas de propriedade e controle dos meios de comunicação perpetuam narrativas coloniais, reforçando uma visão de mundo que centraliza o Ocidente e marginaliza o "outro" (Maldonado-Torres, 2018).

No domínio econômico, modelos que privilegiam as ex-colônias apenas como fornecedoras de recursos evidenciam um padrão contínuo de exploração. Instituições financeiras internacionais, ao impor políticas que perpetuam desigualdades, refletem a continuidade das dinâmicas de poder coloniais no sistema econômico global.

A influência da colonização na esfera religiosa também é notável. Práticas e hierarquias religiosas introduzidas durante o período colonial continuam a afetar a vida espiritual e social das comunidades, demonstrando como a colonização buscou reconfigurar as esferas mais íntimas da vida dos colonizados (Maldonado-Torres, 2018).

Por fim, no que tange à governança e saúde, estruturas governamentais e sistemas de saúde que foram moldados ou impostos durante o período colonial não atendem adequadamente às necessidades e diversidades das populações locais. Tais estruturas perpetuam práticas discriminatórias e refletem desigualdades históricas, evidenciando como a mentalidade colonial infiltra-se em todos os aspectos da organização social.

3.3 DESCOLONILIZAÇÃO E DECOLONIALIDADE

Descolonização e decolonialidade são conceitos fundamentais para entender a dinâmica das relações de poder e resistência nas sociedades contemporâneas (Quijano, 1992), conforme explicado por Maldonado-Torres (2018). A descolonização, muitas vezes concebida historicamente, refere-se ao processo pelo qual nações anteriormente colonizadas ganham independência dos impérios que as dominavam. Este processo está frequentemente vinculado às formas modernas de colonização que surgiram com a expansão imperial europeia, marcadas por eventos como a "descoberta" do Novo Mundo e as formas de escravidão que dela resultaram. A descolonização é, portanto, um ato político e geográfico, visando a soberania nacional.

Por outro lado, a decolonialidade, uma extensão crítica do conceito de descolonização, desafia a lógica subjacente da colonialidade — um padrão de poder que se perpetua mesmo na ausência de controle colonial direto, discutido anteriormente. Este termo se refere não apenas à luta contra as estruturas de poder deixadas pelo colonialismo, mas também às suas manifestações materiais, epistêmicas e simbólicas que continuam a influenciar as sociedades globais. A decolonialidade busca uma ruptura com a modernidade ocidental, que é intrinsecamente ligada à colonialidade, propondo uma nova ordem mundial onde várias concepções de tempo, espaço e subjetividade possam coexistir e interagir de maneira produtiva (Maldonado-Torres, 2018). Essa abordagem transcende a noção de alcançar uma forma alternativa de modernidade, visando criar um espaço global mais inclusivo e diversificado, onde múltiplas realidades possam existir simultaneamente.

No campo do turismo, a descolonização se manifesta na reconfiguração das narrativas e práticas. O turismo, frequentemente moldado por perspectivas coloniais, pode ser um espaço de afirmação ou de perpetuação de visões estereotipadas das culturas (Mignolo, 2018). Coelho (2022) argumenta que o turismo é um campo fértil para a expressão de relações de poder desiguais, que podem ser reinterpretadas e contestadas por meio de práticas decoloniais. Portanto, entender a descolonização no turismo implica reconhecer e alterar as dinâmicas de poder que influenciam como os lugares e as culturas são apresentados e experienciados.

Neste contexto, a decolonialidade surge como um movimento de resistência e libertação das amarras coloniais, procurando retornar a formas de organização social e cultural pré-modernas e descolonizar os saberes, poderes e formas de ser, promovendo uma ruptura com os padrões estabelecidos pelo colonialismo (Maldonado-Torres, 2007, pp. 29-30, 36). O

reconhecimento da colonialidade e a adoção de uma atitude decolonial envolvem não apenas a análise crítica dessas dinâmicas, mas também ações concretas para desafiar e transformar as estruturas de saber, poder e ser. Esse processo exige um comprometimento com a descolonização epistêmica, política e cultural, buscando recuperar e valorizar saberes, práticas e modos de organização social marginalizados e/ou silenciados pelo colonialismo.

As vozes que se levantam em favor da decolonização refletem uma diversidade de preocupações e áreas de atuação, desde a desigualdade na educação até questões de gênero e justiça social. Estas propostas de descolonização, ao se conectarem com temas específicos, demonstram a amplitude e a complexidade dos desafios impostos pela colonialidade nas sociedades contemporâneas.

O conceito de alteridade é crucial para entendermos a descolonização não apenas como um processo político e econômico, mas como uma oportunidade para confrontar e valorizar a diversidade cultural e a experiência do 'Outro'. Ramos (2011) destaca a importância da alteridade nas interações interculturais, apontando como as representações sociais, os estereótipos e os preconceitos influenciam tanto a inclusão quanto a exclusão do 'Outro'. Este 'Outro', frequentemente personificado pelo migrante pobre, é simultaneamente próximo e distante, coabitando conosco enquanto enfrenta a rejeição e a discriminação. Spivak (2010) elucida como o colonialismo estruturou a identidade do colonizado como “inferiorizado” e “exotificado”, reforçando a percepção do 'Outro' como uma entidade distinta e marginalizada. Memmi (2003) e Grosfoguel (2008) abordam como o racismo e a colonialidade do saber perpetuam a exclusão e a marginalização deste 'Outro', através de estruturas de poder que sustentam preconceitos e estereótipos profundamente enraizados. Castro-Gómez (2005) e Quijano (2005) complementam essa discussão, analisando como as dinâmicas de poder colonial continuam a afetar os migrantes, colocando-os numa posição de rejeição constante, apesar de sua coexistência física nas sociedades que os acolhem. Portanto, reconhecer e desafiar essas narrativas é fundamental para uma verdadeira descolonização que valorize a diversidade cultural e repense a posição do 'Outro' nas interações globais.

A crítica da decolonialidade, conforme exposta por pensadores como Maldonado-Torres (2018), revela uma preocupação profunda com a tendência ocidental de confinar o conhecimento dentro dos limites de dados objetivos e teorias positivistas, uma prática prevalente nas ciências europeias. Esta crítica é fundamentada na ideia de que a modernidade europeia não reconhece o

'tempo/espço da descolonização', implicando uma grave desconsideração dos processos contínuos e impactos que a colonização deixou nas sociedades que foram subjugadas. A decolonialidade, portanto, propõe uma ruptura com esses paradigmas empíricos e historicistas, que frequentemente ignoram as perspectivas e vivências dos colonizados (Maldonado-Torres, 2018). Quijano (2005) e Grosfoguel (2008) argumentam que a 'colonialidade do saber' e do 'ser' são estratégias fundamentais para manter as hierarquias de poder instauradas pela modernidade/capitalismo colonial, desafiando assim a legitimação das epistemologias ocidentais que marginalizam outros conhecimentos e experiências. Essa ruptura sugerida pela decolonialidade ecoa na necessidade de valorizar as cosmologias subalternas, promovendo uma diversidade epistêmica que reconheça e integre as múltiplas formas de entender o mundo que foram silenciadas pelo colonialismo (Balestrin, 2013).

Através deste prisma decolonial, os sujeitos anteriormente colonizados são vistos não apenas como agentes passivos de uma história escrita e dominada pelos colonizadores, mas como participantes ativos na recriação de suas identidades e realidades. Esta perspectiva é crucial para a compreensão das complexidades da descolonização e da importância da decolonialidade como um processo contínuo e multifacetado (Maldonado-Torres, 2018). Tais processos requerem uma análise crítica e uma reavaliação das narrativas históricas, permitindo um diálogo mais inclusivo e equitativo sobre o passado, presente e futuro das sociedades descolonizadas. Spivak (2010) enfatiza a necessidade de reavaliar e reconfigurar as narrativas impostas pelo Ocidente, destacando a importância de incorporar vozes subalternas que foram historicamente marginalizadas e silenciadas. Esta abordagem decolonial desafia a visão eurocêntrica da história e promove uma compreensão mais holística e representativa das diferentes realidades culturais e históricas. Grosfoguel (2008) argumenta que a descolonização do saber implica reconhecer e legitimar conhecimentos e perspectivas que foram deslegitimadas e subjugadas pelo regime colonial, abrindo espaço para uma epistemologia verdadeiramente global e plural.

Assim, ao abordarmos a descolonização, é imperativo reconhecer a complexidade e a interconexão entre os processos políticos, econômicos, sociais e culturais. A descolonização, portanto, não se limita a um evento histórico isolado, mas engloba uma série de práticas e reflexões que visam dismantelar as estruturas de poder coloniais e valorizar as culturas, identidades e saberes dos povos colonizados. Através deste prisma, a decolonialidade torna-se um

projeto contínuo de libertação e de reafirmação da humanidade contra as formas remanescentes de dominação colonial (Ramos, 2011).

3.4 ATITUDE DECOLONIAL

A discussão sobre a "Atitude Decolonial" implica um mergulho profundo nas estruturas de poder que moldaram o mundo moderno, refletindo uma crítica à lógica colonial que permeia diversos aspectos da sociedade, inclusive na esfera do turismo. Conforme problematiza Boukhris e Peyvel (2019), “nosso conhecimento existente sobre turismo é eurocêntrico e, portanto, ignora e nega aqueles conhecimentos que emanam de outras culturas e de grupos tradicionalmente marginalizados”. Através da análise de Maldonado-Torres (2011a, 2016a, 2016b), compreende-se que questionar o mundo moderno/colonial não apenas desafia as percepções do cidadão moderno mas também propõe uma revisão crítica das narrativas históricas, desvendando imagens de vingança como reações a um passado opressivo.

A "Colonização Disfarçada" em contextos como o turismo revela como as práticas contemporâneas podem, mesmo sem intenção, perpetuar dinâmicas coloniais. O turismo, ao se posicionar como uma ferramenta potencialmente decolonial, enfrenta o desafio de superar o ethos colonizador que se manifesta de múltiplas formas. Entre estas, destacam-se a fetichização e comercialização de culturas, a exploração de recursos naturais, e a perpetuação de relações de poder desiguais, temas urgentes que demandam uma análise cuidadosa.

As representações estereotipadas e a fetichização da experiência local no turismo são manifestações claras de como a autenticidade cultural é frequentemente simplificada ou distorcida para atender às expectativas dos turistas. Este processo de transformação da cultura em mercadoria, conforme discutido por Conceição e Londero (2017), não apenas reduz práticas culturais significativas a meras performances superficiais, mas também contribui para a descontextualização e apropriação cultural de símbolos importantes para as comunidades locais. A estética da mercadoria no turismo de experiência, por exemplo, enfatiza a aparência visual dos destinos turísticos, contribuindo para a fetichização da experiência ao torná-la um objeto de desejo visual e emocional. Além disso, a compra imperceptível, um conceito destacado por Haug (1997) citado por Conceição e Londero (2017), ocorre quando a experiência turística se dissocia

da noção tradicional de mercadoria e se torna uma vivência sensível que mascara a natureza mercantil do processo, reforçando o fetichismo da mercadoria no turismo.

Por meio da fetichização, a própria experiência turística é transformada em um produto altamente desejado, consumido sem uma plena consciência das implicações culturais e éticas envolvidas. A espetacularização do turismo, como consequência dessa fetichização, promove a transformação das vivências turísticas em espetáculos sedutores, onde o consumo de experiências marcantes é incentivado como uma forma de escapismo ou distinção social (Conceiro e Londero, 2017). Essa busca por momentos únicos e a transformação da experiência em produto fetichizado não apenas desvirtuam o significado original das práticas culturais, mas também reforçam a espetacularização da vida cotidiana, onde a experiência de "outro" se torna um palco para o desempenho turístico. Consequentemente, é fundamental questionar a ética de tais interações e promover uma abordagem mais consciente e respeitosa na representação das culturas locais no turismo, visando a uma autenticidade que transcenda o mero consumo visual e sensacionalista.

Por outro lado, a exploração de recursos naturais e o domínio econômico estrangeiro no turismo destacam as continuidades das estruturas de exploração colonial. Estes aspectos apontam para a necessidade de repensar o desenvolvimento turístico de maneira que respeite a sustentabilidade e promova benefícios equitativos. A distribuição desigual de benefícios econômicos e a falta de participação local nas decisões sobre o desenvolvimento turístico perpetuam desigualdades e desequilíbrios de poder, contrariando os princípios de um turismo verdadeiramente emancipatório.

Neste contexto, é imperativo questionar e reimaginar as práticas turísticas de forma que promovam a desconstrução das narrativas coloniais e celebrem a diversidade cultural de maneira autêntica e respeitosa. A atitude decolonial, portanto, exige um compromisso com a reflexão crítica e a ação consciente, buscando estabelecer relações mais equitativas e sustentáveis.

Assim, a atitude decolonial se apresenta não apenas como uma crítica, mas como um convite à transformação social e cultural. Requer-se um esforço coletivo para desvendar e dismantelar as lógicas coloniais ainda presentes, promovendo uma prática turística que respeite e valorize as culturas locais de forma equitativa. O desafio é grande, mas essencial para a construção de um futuro no qual as relações entre povos e culturas sejam pautadas pelo respeito mútuo, pela justiça e pela verdadeira emancipação.

Sobre a falta de participação local, concordamos com a observação de Higgins-Desbiolles e Powys Whyte (2013) citados por Boukhris e Peyvel (2019), quando dizem que “sem esses laços de solidariedade, corremos o risco de falar pelos outros, levando à exclusão de vozes importantes”. Sem esses laços de solidariedade, corremos o risco de assumir a narrativa por outros e nos limitamos a dialogar apenas com aqueles que compartilham de nossas próprias perspectivas, resultando em uma desconexão com as pessoas diretamente afetadas.

4. METODOLOGIA

Considerando como problemática a centralidade de aspectos socioculturais europeus em materiais didáticos de Francês para Fins Específicos (da sigla em francês: FOS) e, portanto, o tímido espaço cedido à interculturalidade, tão necessária a um livro didático que é concebido para o ensino da língua-alvo para estrangeiros, uma vez que a língua francesa é falada em todos os continentes, sobretudo em África, tivemos como pergunta norteadora: a perspectiva eurocêntrica, presente em materiais didáticos de ensino de francês do turismo, compromete as relações interculturais, em ambiente de aprendizagem exolingue?

Tendo como hipótese a presença da colonialidade, ou seja, de padrões eurocêtricos que estabelecem padrões de poder, nesses referidos materiais didáticos, buscamos responder a esse questionamento delimitando o nosso objeto de estudo, a saber: o livro didático de Francês para turismo *Bon Voyage! Français du Tourisme* (Dussac, 2017), material básico da disciplina de francês para turismo do Curso Línguas estrangeiras aplicadas às Negociações Internacionais (LEANI) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), que é o lócus de realização desta pesquisa.

Desse modo, temos como objetivo geral desta pesquisa: identificar a presença de aspectos de colonialidade veiculados no livro didático de ensino do francês do turismo *Bon Voyage! Français du Tourisme* (Dussac, 2017), tecendo uma crítica a partir do prisma decolonial. Temos, também, como objetivos específicos:

- refletir sobre o conceito de decolonialidade, prisma teórico basilar deste trabalho;
- interpretar como se estabelecem as representações culturais presentes no material analisado;

- discutir criticamente sobre os aspectos de colonialidade presentes no livro didático em questão, sob o prisma decolonial.

Assim, este trabalho tem por orientação metodológica a abordagem qualitativa, qual seja aquela em que o pesquisador, por meio de um referencial teórico, busca desvendar e interpretar profundamente as condições sociais e as dinâmicas complexas através da análise de contextos, relações e significados que não são imediatamente evidentes, além de objetivar compreender as influências sociais, econômicas e culturais que afetam o tema investigado, permitindo uma interpretação mais holística e crítica da realidade social (Mainardes e Marcondes, 2011), como fizemos, analisando aspectos coloniais presentes no livro didático em questão e buscando estabelecer significados a essas evidências. O trabalho, nestes termos, possui ainda natureza bibliográfica e documental. A pesquisa bibliográfica, conforme Fonseca (2002), corresponde ao levantamento e análise de materiais já publicados, tais como livros, artigos científicos e conteúdos de páginas eletrônicas, com o objetivo de fundamentar teoricamente a investigação científica, essencial para situar e contextualizar o estudo dentro do que já foi explorado e documentado sobre o tema em questão, permitindo ao pesquisador construir sobre a base de conhecimentos existentes. A pesquisa documental, por sua vez, refere-se àquela em que o pesquisador se debruça sobre um material sem tratamento analítico (Fonseca, 2022), como o livro didático aqui analisado e suas diversidade de tipos textuais.

Para a análise, adotamos a perspectiva metodológica da triangulação, estratégia metodológica que ratifica o rigor de pesquisas de cunho qualitativo (Flick, 2018 *apud* Santana e Paiva, 2022) e aqui nos serve para amparar o caráter multifacetado deste estudo. Conforme argumenta Denzin (2018), a triangulação pode ser usada como forma de obter uma compreensão mais profunda e validada de fenômenos sociais complexos, princípio do qual nos apropriamos para navegar criticamente pelo conteúdo do livro didático em questão, confrontando-o com premissas decoloniais e deduzindo implicações pedagógicas relevantes.

Além disso, Teixeira *et al.* (2013) complementam a discussão, destacando que a triangulação permite a utilização de diferentes métodos para examinar uma realidade, reconhecendo que nenhum método isolado capta completamente a complexidade do objeto estudado. Assim, a combinação das reflexões teóricas junto com a introspecção crítica do pesquisador serve não apenas para identificar as limitações do livro didático, mas também para propor direções futuras que honrem a diversidade cultural e contestem as narrativas coloniais

persistentes na educação linguística. Desse modo, utilizando como método de análise a triangulação, a análise do corpus da pesquisa, constituído por excertos do livro *Bon Voyage!*, se caracteriza pelo confronto de três elementos, a saber: o corpus da pesquisa,, as lentes teórico-metodológicas e as reflexões críticas do pesquisador.

A etnografia crítica também foi escolhida como orientação metodológica pelo fato de esta oferecer uma lente relevante para explorar as representações culturais e sociais em materiais didáticos, pois permite uma análise profunda das maneiras pelas quais as relações interpessoais são construídas, perpetuadas ou desafiadas dentro desses recursos educacionais. Ao se aprofundar nas dimensões do contexto, das práticas e das interações que esses materiais promovem, esta abordagem metodológica, segundo Mainardes e Marcondes (2011), nos capacita a compreender não apenas o conteúdo explícito, mas também as subjetividades, os poderes e as ideologias que se entrelaçam nas entrelinhas dos estudos do campo didático. Adicionalmente, como aponta Thomas (1993, *apud* Mainardes e Marcondes, 2011)), através da etnografia crítica, também somos encorajados a refletir sobre questões mais amplas como opressão, conflito e poder, desafiando representações que podem perpetuar estereótipos e preconceitos. Schwandt (1997), citado pelo mesmo autor, reforça que este método se engaja na crítica cultural, podendo ser usada para examinar influências políticas, sociais e econômicas e como estas se manifestam nas práticas educacionais e materiais didáticos.

Em um primeiro momento, foi realizada uma observação do objeto de estudo, página à página, com o intuito de identificar aspectos de colonialidade veiculados pelo material seguido de anotações em um diário de coleta de dados, com foco em encontrar respostas aos seguintes questionamentos, estabelecidos como critérios de coleta de dados:

- 1) Como as culturas são representadas? Há indícios de fetichização de culturas?
- 2) Como o estrangeiro é representado?
- 3) Como os lugares são descritos?
- 4) Como se conduz a construção do imaginário coletivo sobre as sociedades ?

Em seguida confrontou-se os dados coletados com a abordagem decolonial, levantada por meio de uma revisão bibliográfica, que considerou artigos científicos cujos temas fazem relação entre o turismo e a abordagem decolonial dos últimos 25 anos, com exceção do trabalho de Quijano (1992) por sua relevância, apresentados anteriormente na seção *Princípios Basilares*

da *Teoria Decolonial* e posteriormente, organizados em duas categorias de análise estabelecidas, a saber: a) representações culturais e b) branquitude e representações do turista, para devida apresentação e discussão, apresentadas na próxima seção.

Para a escolha do livro a ser analisado, consideramos o estudo de Crestincov (2021), que em sua tese mapeou os livros didáticos de Francês com enfoque profissional no âmbito mais amplo do turismo, adotando como critério o panorama contemporâneo, focando em publicações disponíveis no mercado editorial e que foram lançadas a partir de 2010, excluindo-se da análise os materiais dedicados exclusivamente a segmentos específicos do turismo, como hotelaria, culinária e serviços de restaurante. O quadro e figuras abaixo mostram os livros que se enquadram nestes critérios de acordo com o autor:

Quadro 1 – Livros didáticos de Francês para o Turismo

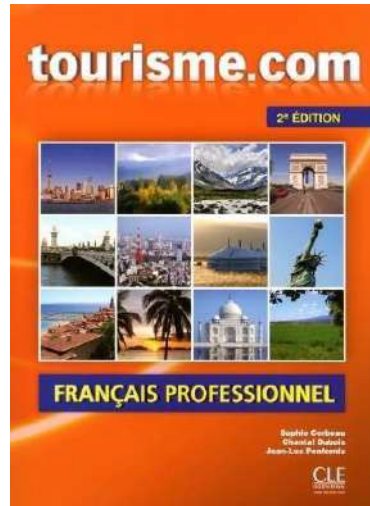
Nome do material	Editora	no	Autores	Nível e Carga Horária
<i>Le français en contexte – Tourisme.</i>	Éditions Maison des Langues	013	Andreu Coll, Arnaud Laygues	Nível A1/A2 Nº de Horas: 120
Tourisme.com	CLE International	013	Sophie Corbeau, Chantal Dubois, Jean-Luc Penfornis	Nível: A1/A2 Nº de Horas: 120
<i>Bon voyage!</i> Français du Tourisme	CLE International	017	lisabeth Dussac	Nível A1/A2 Nº de Horas: 60

Fonte - Adaptado de Crestincov (2021)

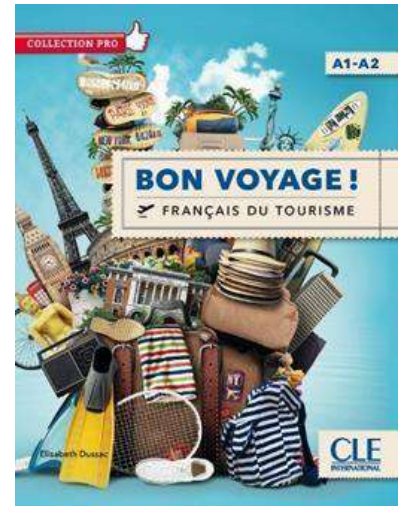
Figura 01: Capa *Le Français en contexte* Figura 02: *Capa Tourisme.com* Figura 03: Capa *Bon Voyage!*



Tourisme (2013)



Fonte: Tourisme.com (2013)



Fonte: Bon Voyage - Français du
Tourisme (2017)

Dos três livros acima, escolhemos realizar uma análise de cunho decolonial do livro *Bon Voyage! Français du Tourisme*³ pelo fato de este já incluir uma seção chamada *Parlons Culture* para cada unidade, sinalizando via título um esforço consciente dos autores em incorporar discussões interculturais, sugerindo uma predisposição do material a abordar temas que transcendem o aprendizado focado na linguística, potencialmente promovendo uma reflexão mais profunda sobre as relações culturais e sociais. Além disso, o *Bon Voyage* é o livro com edição mais recente (2017) dentre os três, o que pressupõe abordagens de temáticas mais atuais, em relação ao *savoir-faire* das profissões envolvidas com o turismo e que seus autores já possam ser mais críticos e conscientes quanto à criação de conteúdos integradores de discussões interculturais mais assertivas em direção a temas decoloniais. O livro didático *Bon Voyage* foi editado pela Editora CLE International e elaborado por Elisabeth Dussac, no ano de 2017. O livro tem por objetivo, segundo o seu *avant-propos*, auxiliar no processo do ensino-aprendizagem de competências para a área do turismo, fornecendo atividades baseadas na metodologia ativa⁴, através de simulações e de exercícios interativos para que o aluno aprenda através da prática, mesclando temas de gramática e situações da grande área do turismo.

³ daqui em diante passo a chamá-lo somente de *Bon Voyage*

⁴ “São metodologias nas quais o aluno é o protagonista central, enquanto os professores são mediadores ou facilitadores do processo. O professor e o livro didático não são mais os meios exclusivos do saber em sala de aula (Pereira, 2012 *apud* Lovato *et al.*, 2018), colocando o aluno no centro do processo de ensino aprendizagem (Borges & Alencar, 2014 *apud* Lovato *et al.*, 2018)”.

O *Bon Voyage* tem como foco aprendizes entre os níveis A1 e A2 do Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (QECRL, 2017), com o objetivo de desenvolver competências de comunicação no setor de turismo e prepará-los para o diploma da Câmara de Comércio de Paris. Com uma carga horária prevista de 60 horas, este livro didático adota uma abordagem acional, focando em ações e interações reais dentro de diversos contextos profissionais relacionados ao turismo, como organização de eventos, concepção de circuitos turísticos, e a consultoria e venda de produtos turísticos, por meio dos quais são introduzidos a uma ampla gama de situações comunicativas que podem ocorrer em ambientes como agências de locação de veículos, parques temáticos, estações de trem, aeroportos, e hotéis. O livro é estruturado em 8 unidades temáticas, além da seção "Parlons Culture", que aborda aspectos culturais, históricos, e regionais, com a intenção de promover debate intercultural sobre alguns temas, citado anteriormente.

5 O PARADIGMA DECOLONIAL NO LIVRO “*BON VOYAGE*”

Nesta seção apresentamos a análise proposta para o *Bon Voyage* (Dussac, 2017), livro didático de francês para turismo, composto por 8 unidades temáticas, quais sejam: Unidade 0 - *Contact* (dividida nas rubricas *répondre à une demande de rendez-vous; rédiger un courriel de confirmation; se présenter et présenter son entreprise; parler des métiers du tourisme; Parlons Culture - la relation client e tâche finale: fixez un rendez-vous et présentez-vous*); Unidade 1 - *Visite Guidée*, dividida nas rubricas *se renseigner sur une région; se renseigner sur des prix; créer un circuit touristique; présenter un itinéraire; Parlons Culture: Le Patrimoine culturels e tâche finale: concevez un circuit touristique*); Unidade 2 - *Forfait Premium* (dividida nas rubricas *interroger sur les goûts; proposer une prestation avec suppléments; conclure une vente des prestations; s'excuser pour l'annulation d'une prestation; Parlons Culture: l'écotourisme en équateur*); Unidade 3 - *Arrivées Départs* (dividida nas rubricas *accueillir et orienter; conseiller et informer; assurer la transaction d'un billet de train; assurer la location d'une voiture à la gare; Parlons Culture: des promenades originales e tâche finale: Informer un client pour une location de voiture*); Unidade 4 - *Vaut le voyage!* ((dividida nas rubricas *conseiller sur une activité touristique locale; conseiller sur une spécialité gastronomique régionale; faire une offre*

*promotionnelle; présenter une manifestation culturelle; Parlons Culture: Le tourisme d'aventure e tâche finale: proposez un produit touristique en promotion); Unidade 5 - Culture de l'évènement (dividida nas rubricas parler aux prestataires; parler budget; établir le programme; commenter un questionnaire de satisfaction clientèle; Parlons Culture: un évènement insolite e tâche finale: organiser un évènement); Unidade 6 - Ambiance! (dividida nas rubricas réaliser un programme d'animations; gérer l'animation d'une soirée; expliquer des règles de sécurité; gérer une boutique de souvenirs; parlons culture: les casinos dans le monde e tâche finale: organisez et animez des activités); Unidade 7 - Hôtel 4 étoiles (dividida nas rubricas à la réception, présenter des services; à la conciergerie, offrir un service sur-mesure; à l'étage, prendre une commande; satisfaire tous les clients; parlons culture: des hôtels insolites dans le monde e tâche finale: accueillez les clients dans votre hôtel d'exception). Cada rubrica se articula em torno de quatro eixos, a saber: Eixo 01 - *Pour commencer*, eixo 02 - *vérifiez votre compréhension*; eixo 03 - *retenez*; eixo 04 - *appliquez*. Conforme a autora explica no *avant-propos* do livro, o primeiro eixo, *pour commencer*, apresenta atividades de descoberta onde os aprendizes são convidados a observar situações e documentos autênticos, permitindo-lhes iniciar a expressão oral e escrita com base no material apresentado; o eixo *vérifiez votre compréhension* consiste em atividades focadas em identificar novos elementos linguísticos inseridos em contextos de comunicação oral, mirando sempre o objetivo de comunicação no ambiente profissional; o terceiro eixo, *Retenez* é destinado a atividades que visam a sistematização do aprendizado, ajudando os estudantes a fixar as estruturas linguísticas dentro de um contexto prático e por fim, o eixo *Appliquez* envolve atividades que estimulam a aplicação do conhecimento adquirido em situações profissionais reais, solidificando assim o aprendizado no uso da língua em um contexto de trabalho.*

As análises foram realizadas considerando-se as categorias: a) representações culturais e b) branquitude e representações do turista, traçando-se reflexões que incorporam as perspectivas da etnografia crítica, conforme Seção de Metodologia, e da abordagem decolonial desenvolvidas ao longo das seções anteriores. Iniciaremos, pois, com a primeira categoria.

5.1 REPRESENTAÇÕES CULTURAIS

Abaixo, temos os primeiros excertos analisados (cf. fig. 04 a 06), situados na unidade 1 do livro em questão. A referida unidade trata do conteúdo de ensino de criação de pacotes e roteiros turísticos e nos serve, aqui, para o exercício da reflexão crítica sobre as ideias que moldam esses pacotes e os olhares por detrás de sua criação, processo, muitas vezes robotizado, que reflete uma tendência do sistema turístico em repetir experiências pré-concebidas, sugerindo uma visão dos destinos como meros produtos a serem consumidos, conforme discutido na literatura sobre simulacros no turismo (a exemplo de Carvalho, 2007; Brito, 2021; Anta-Felez, 2021). Essa concepção fica particularmente evidente nas atividades propostas nesta unidade: a questão 01 da rubrica *créer un circuit touristique*, eixo *pour commencer*, pede para associar fotos de lugares a atividades turísticas que compõem os circuitos turísticos (*associez les phrases de circuits touristiques aux photos*), como se o primeiro passo da criação dos circuitos turísticos fosse um olhar mercadológico para os lugares, a fim de lhes conceber como atividade turística, para a qual se destacam os termos *découverte*, *visiter*, *arriver*, *un arrêt*, *partir*; *accueillir*, *déguster*. A questão 02 da mesma rubrica, eixo *vérifiez votre compréhension* parece querer consolidar a questão 01 ao estimular a leitura das informações de outro circuito turístico (*lisez le programme proposée par ce dépliant de circuit touristique*) sem nenhuma reflexão sobre os lugares e a cultura que compõe a proposta turística, visto que a questão que segue (03) estimula o aprendizado sobre aspectos operacionais e logísticos do circuito turístico, como datas, atividades diárias e custos (*Quelle est la date de départ prévue?; quelles activités sont prévues le deuxième jour ? Où le petit-déjeuner est prévu le troisième jour ? Combien coûte le circuit ? L'hébergement est en pension complète ou en demi-pension etc*), sem promover um entendimento mais profundo das interações entre turistas e as comunidades locais. Desta forma, a criação de circuitos turísticos é explorada em três etapas básicas: a seleção visual dos lugares; o vínculo destes a atividades como "découverte" (descoberta), "visite" (visita), "arriver" (chegar), "un arrêt" (uma parada), "partir" (partir); "accueillir" (receber), "déguster" (degustar) e planejamento logístico das atividades, etapas postas para a prática, implicitamente, na questão 06 do eixo *Appliquez* (cf. fig 05), que traz fotos da Ilha da Reunião selecionadas pelo autor para que o aprendiz execute as outras duas etapas (entende-se que as etapas estão implícitas porque nesta questão é solicitado que o aprendiz redija a apresentação do circuito turístico, tendo como base as fotos, dando ideia

de que neste ponto do livro, o estudante já saiba associar o vocabulário que remete a atividades turísticas aos lugares).

Figura 04: Pág. 24 do livro Bon voyage.

1

UNITÉ

CRÉER UN CIRCUIT TOURISTIQUE

Pour commencer

1. Associez les phrases de circuits touristiques aux photos. Attention, plusieurs photos peuvent correspondre à une phrase.

- Premier jour : accueil des clients à l'aéroport, départ vers Malaga en navette et dîner à l'hôtel.
- Deuxième jour : petit-déjeuner à l'hôtel et visite des églises de la ville. Concert.
- Troisième jour : départ pour Grenade. Visite des jardins et des palais de l'Alhambra avec un guide local.
- Quatrième jour : départ pour Cordoue, visite de la mosquée La Mezquita. Le soir, restaurant gastronomique.
- Cinquième jour : départ pour Séville, visite de la ville et promenade dans les ruelles du vieux quartier.
- Sixième et dernier jour : le matin, départ pour Jerez de la Frontera. L'après-midi, visite de la cave traditionnelle Domecq et dégustation de vins.











1 Vérifiez votre compréhension

2. Lisez le programme proposé par ce dépliant de circuit touristique.

MONTRÉAL, TORONTO, OTTAWA, MILLE-ÎLES, QUÉBEC, PERCÉ

2 650 €

Circuit découverte
de 6 jours / 5 nuits
pour 15 participants
Départ le 26/05






• **1^{er} jour** : arrivée à Toronto en fin d'après-midi. Accueil à l'aéroport de Montréal puis transfert en navette. Visite libre de la ville et dîner à l'hôtel.

• **2^e jour** : départ vers la ville d'Ottawa avec un arrêt pour une croisière autour des Mille-Îles. Découverte guidée d'Ottawa.

• **3^e jour** : petit-déjeuner près d'Ottawa, puis départ pour Montréal. Visite guidée de la ville, puis dîner à l'hôtel.

• **4^e jour** : départ pour Québec. Sur le chemin, visite commentée d'un village traditionnel huron.

• **5^e jour** : dans la matinée, visite de Québec, déjeuner. Départ, avec un détour par Percé. Visite du parc Forillon.

• **6^e jour** : retour à Montréal, puis vol vers Paris.

Le prix comprend :

- Le vol Paris-Montréal aller / retour
- L'hébergement dans un hôtel 3 étoiles, en chambre simple et en demi-pension
- Les transferts
- Les visites guidées
- L'assurance assistance

Le prix ne comprend pas :

- Les taxes d'aéroport : 25 €
- La croisière : supplément de 18 €
- Les boissons et les extras
- Un repas par jour

Figura 05: Pág. 25 do livro Bon voyage.

GRAMMAIRE

Les prépositions de lieu

■ Autour de 
 En + transports   
 Près de  Loin de 
 Par  Vers  Sur  Dans 

- Croisière **autour** de l'archipel des Mille-îles
- Départ **vers** Malaga en navette.
- Promenade **près** de la Maison-Blanche.
- Retour **par** les jardins.
- Visite dégustation **dans** une cave, **sur** le trajet du retour à l'hôtel.

3 Appliquez

6. Rédigez la présentation d'un circuit touristique de quatre jours, de votre choix. Vous pouvez vous aider des photos de l'île de La Réunion, dans l'océan Indien.

c. On vous accueille à l'hôtel à 19 h. → ... à l'hôtel à 19 h.
 d. Vous dégustez du rhum à Savanna. → ... de rhum à Savanna.
 e. Le car s'arrête à Saint-Denis à 23 h. → ... du car à Saint-Denis à 23 h.

5. Complétez avec les prépositions de lieu. Attention, plusieurs réponses sont possibles.

- ... le chemin de la gare, arrêt pour déjeuner.
- Pause repas ... de l'église Sainte Lucie.
- Dégustation ... une cave à vin de Jerez.
- Promenade ... du lac.
- Retour ... le sud.
- Vol ... avion puis ... autocar.
- Passage du circuit ... des villages pittoresques.

Volcan du Piton de la Fournaise Plage de Grande-Anse Fabrication du rhum, distillerie

vingt-cinq | 25

Fonte: <https://www.cle-international.com/adolescents/bon-voyage-niveaux-a1a2-livre-dvd-9782090386790.html>

Figura 06: Pág 27 do livro Bon voyage.

7. Vous êtes agent de voyage. Expliquez le déroulement du programme et l'itinéraire du circuit.

CIRCUIT SUD MAROCAIN

5 JOURS
479 €
 12 participants

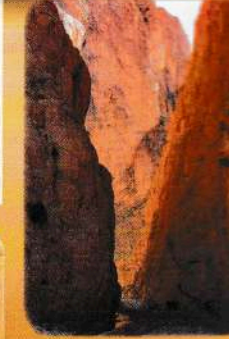
1^{er} JOUR : FRANCE - MARRAKECH
 Enregistrement et embarquement à destination de Marrakech. Accueil par notre correspondant, transfert à l'hôtel et nuit.

2^e JOUR : MARRAKECH
 Toute la journée, visite de Marrakech. Découverte de la Koutoubia et des tombeaux saadiens, puis visite du palais de la Bahia et du musée Dar Si Saïd. Déjeuner. Visite du souk. Dîner et nuit.

3^e JOUR : MARRAKECH – OUARZAZATE – ZAGORA (370 KM)
 Départ pour Ouarzazate. Déjeuner à Ouarzazate, puis route vers Zagora. Traversée de la montagne jusqu'à Zagora par la vallée du Drâa (villages fortifiés et oasis). Dîner et nuit.

4^e JOUR : ZAGORA - ERFOUD (280 KM)
 Départ pour Erfoud, via Mlal pour la visite de la palmeraie de Tazzarine. Déjeuner en cours de route. Dîner et nuit.

5^e JOUR : ERFOUD – TODRA – TINERHIR (150 KM)
 Très tôt le matin, possibilité d'excursion en Land Rover dans le désert pour admirer le lever du soleil dans les dunes de Merzouga (avec suppl. sur place). Départ pour Todra, site naturel et lieu de productions cinématographiques. Déjeuner, puis temps libre. Dîner et nuit.

vingt-sept | 2

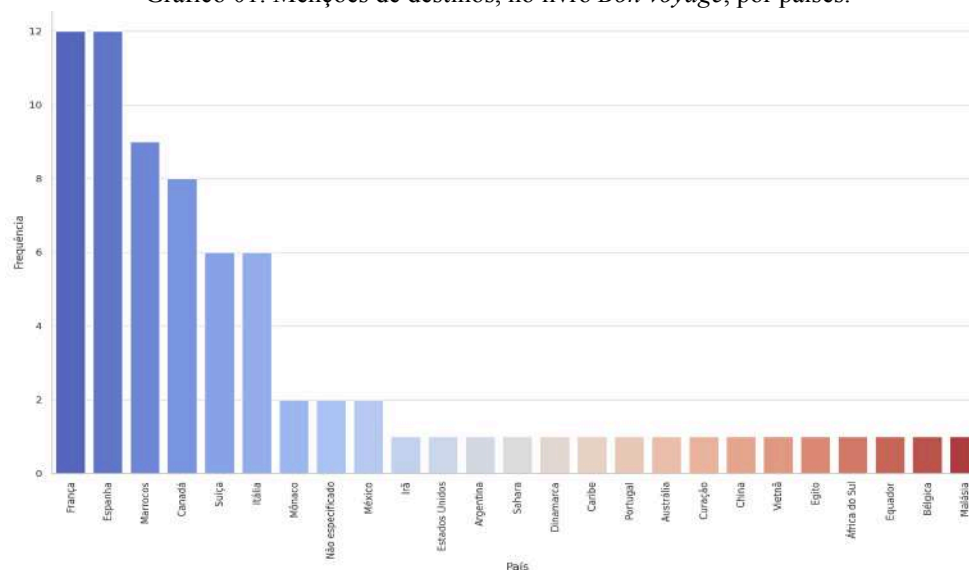
Fonte: <https://www.cle-international.com/adolescents/bon-voyage-niveaux-a1a2-livre-dvd-9782090386790.html>

Ainda nesse contexto, as páginas em questão (cf. fig. 04, 05 e 06) concebem os destinos como peças de um itinerário a ser rapidamente consumido e, portanto, ao propor um circuito de

cinco ou seis dias, como ocorre no *Circuit découverte de 6 jours* - (questão 2, cf. fig. 04) apresenta uma noção distorcida de descoberta, em que o critério de seleção dos pontos turísticos recai sobre a logística e a capacidade de encaixar o máximo de locais em um mínimo de tempo, tendendo a oferecer experiências que apenas tocam superficialmente na cultura local, sugerindo, de forma equivocada, que uma imersão autêntica é possível em um período tão limitado quanto seis dias. Tal abordagem revela um tratamento padronizado do turismo, criticado por Brito, (2021) e Anta-Felez (2021), em que a profundidade da experiência cultural é sacrificada, ao privilegiar os pontos turísticos em detrimento das experiências locais e das interações com as comunidades locais, em favor de uma eficiência ilusória que visa a atender às expectativas simplificadas do turista, podendo resultar em uma visão superficial e estereotipada do destino, que não reflete a diversidade e complexidade da cultura local (Carvalho, 2007). O turismo nesta acepção torna-se uma máquina robotizada de criação de experiências repetitivas, e o olhar de quem está estudando o idioma para este fim, pode ser condicionado a ter a mesma impressão sobre os lugares - aquela em que as paisagens vêm antes das pessoas e de suas culturas.

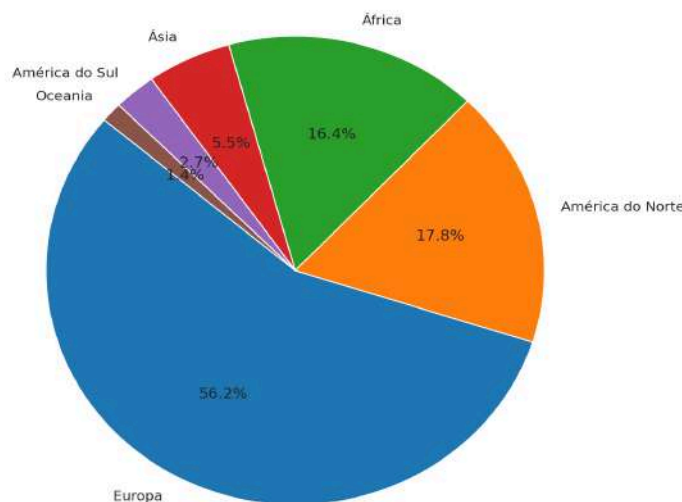
Essa discussão se aquece quando incorporamos uma reflexão sobre a representatividade dos países na composição dos cenários das atividades, textos e imagens do livro, conforme transcrevemos nos gráficos que seguem:

Gráfico 01. Menções de destinos, no livro *Bon voyage*, por países.



Fonte: Autoria própria. 2024⁵

⁵ Os gráficos descritos com esta fonte são resultado das anotações do diário de campo feitas pelo autor deste trabalho: tomou-se nota de todas as menções a lugares no livro página à página, classificou-se os lugares de acordo com os continentes, verificou-se a frequência das repetições e criou-se os gráficos para apresentação.

Gráfico 02. Menções de Destinos, no livro *Bon voyage*, por continente.

Fonte: autor desta pesquisa.

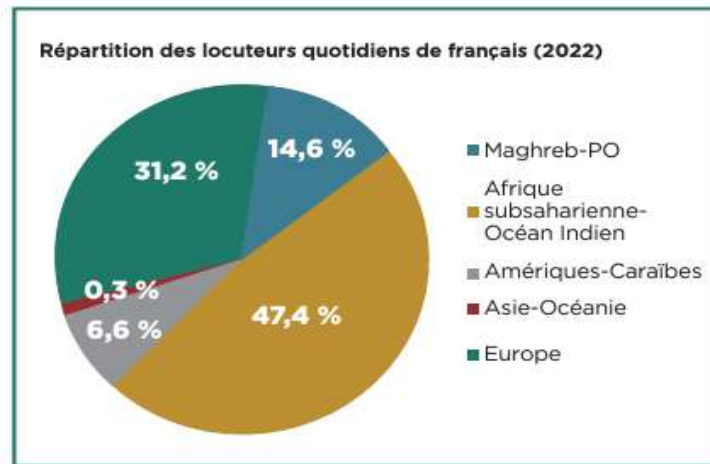
Através dos gráficos acima, evidencia-se uma tendência editorial no livro *Bon Voyage* que favorece a promoção de destinos europeus e ocidentais, sugerindo uma inclinação para regiões tradicionalmente associadas ao poder e influência no cenário global do turismo, com a Europa em destaque, abarcando 56,16% das menções dos destinos turísticos mostrados no livro, e a América do Norte com 17,81%. Dentro dessa seleção, a França e a Espanha aparecem com a mesma quantidade de menções (16% cada um), figurando como os destinos mais destacados, seguidos pelo Canadá e Suíça que juntos somam 18,67% das citações, dados que apontam um viés ocidentalizado e eurocêntrico na seleção de destinos turísticos apresentados aos estudantes e pode apontar para uma tendência no ensino de francês para turismo de aderir a percursos turísticos consagrados, ao invés de promover uma verdadeira compreensão global e intercultural. Pode também refletir uma visão limitada e desatualizada de quais experiências são valiosas e dignas de serem ensinadas e experimentadas, ignorando as ricas possibilidades de aprendizado e enriquecimento cultural que destinos menos convencionais podem oferecer.

Neste sentido, a própria capa do livro *Bon Voyage* (cf. fig. 07) carrega em si uma mensagem visual que encapsula uma visão eurocêntrica e ocidentalizada das experiências turísticas consideradas ideais, ao destacar predominantemente ícones de destinos europeus e norte-americanos, como a Torre Eiffel (Paris, França), a Estátua da Liberdade (Nova York, EUA), o Big Ben (Londres, Inglaterra) e o Coliseu (Roma, Itália). Tais escolhas não apenas reforçam os

A seleção geográfica do livro coloca em segundo plano destinos da Ásia (5,48%), América do Sul (2,74%) e Oceania (1,37%), que coletivamente não ultrapassam 10% das referências, uma margem pequena se comparada à atenção dada individualmente à Espanha (16%), por exemplo. Esta distribuição dos destinos não só evidencia uma narrativa turística desproporcionalmente europeia, quanto marginaliza regiões inteiras, além de contribuir para uma dinâmica de valorização das culturas ocidentais em detrimento da riqueza e diversidade dos outros continentes, visto que por detrás dos percentuais dos continentes com menores menções estão países como o Irã, China, Austrália, e nações do Caribe e América Latina, cada um com sua própria história e riqueza. A presença menor destes no material pode indicar uma oportunidade perdida para explorar e valorizar a diversidade cultural global, além de um possível desequilíbrio na promoção de experiências turísticas que desafiam as narrativas ocidentais dominantes.

Também é questionável a representação do mundo francófono no livro. Embora a *Organisation Internationale de la Francophonie* (2022) destaque que a maioria dos falantes de língua francesa está na África subsaariana e no Oceano Índico (*cf.* gráfico 03, abaixo), representando quase metade dos falantes diários de francês (47,4%), seguidos pela Europa (31,2%), Maghreb-Próximo Oriente (14,6%), as Américas e o Caribe (6,6%) , a Ásia e a Oceania (0,3%), o livro didático *Bon Voyage* não reflete adequadamente essa realidade . No material (*cf.* gráfico 03, abaixo), a Europa aparece desproporcionalmente representada, com 44,1% das menções, focando em países como França, Bélgica, Suíça e Mônaco, enquanto a África, apesar de ser o continente com a maior população francófona, é mencionada em apenas 26,5% dos casos, principalmente através de apenas dois países, a saber, o Marrocos e o Egito. A América, representada somente pelo Canadá, detém 23,5% das menções, destacando o francês em Quebec e outras regiões canadenses. A Ásia, com apenas o Vietnã, mostra uma presença mínima de 2,9%, sublinhando o legado francês. Esse enfoque excessivo na Europa e América do Norte, no material didático, e a marginalização de outras regiões significativas subestimam a diversidade do mundo francófono e perpetuam uma perspectiva ocidentalizada e limitada da francofonia.

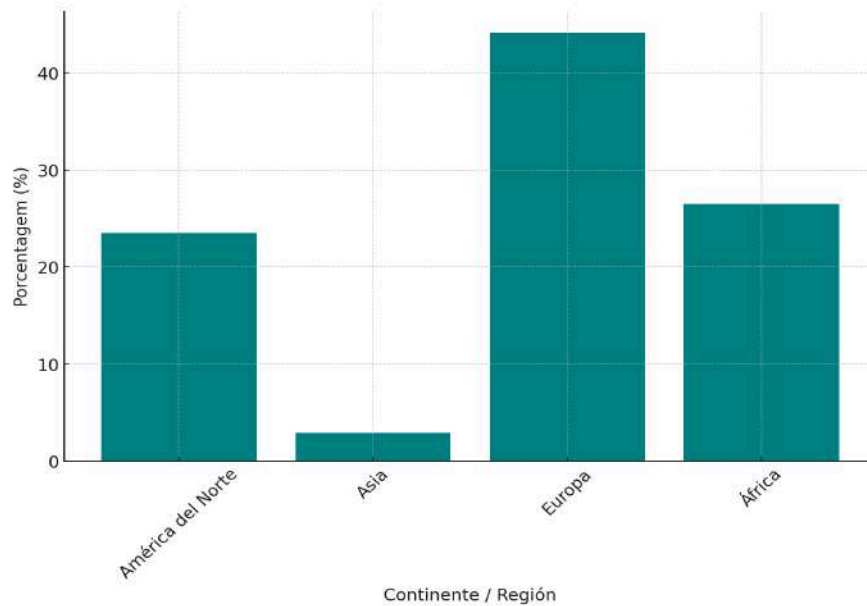
Gráfico 03. Répartitions des locuteurs quotidiens de français (2022)



Fonte:

https://www.francophonie.org/sites/default/files/2022-03/Synthese_La_langue_francaise_dans_le_monde_2022.pdf

Gráfico 04. Porcentagem de países francófonos por continente no livro Bon Voyage



Fonte: autor desta pesquisa.

Ainda neste contexto, questiona-se a presença dos DROM-COM (*Départements d'Outre-Mer et Collectivités d'Outre-Mer*) no livro *Bon Voyage*. Essas são regiões, territórios e coletividades ultramarinos franceses que, apesar de estarem geograficamente distantes da França continental, são integralmente parte do território francês, embora com regimes administrativos e

jurídicos bem diferentes dos das regiões metropolitanas (Ramírez-Muñoz, 2015). No livro, a inclusão de destinos como *L'île de la Réunion* (pág. 23 e 25) sugere um esforço parcial de representação desses territórios. Contudo, a omissão da Guiana Francesa, um território significativo localizado na América do Sul, é notável, especialmente considerando a presença de outros destinos sul-americanos no material. Esta falta de representação pode ser vista como uma continuação das práticas coloniais, privilegiando locais mais reconhecidos e acessíveis dentro da narrativa turística francesa, enquanto marginaliza os DROM-COM, que também fazem parte da francofonia. Esse enfoque se alinha com a representação desproporcional observada na distribuição global dos falantes de francês, em que a Europa e América do Norte são excessivamente destacadas em detrimento de regiões que abrigam uma considerável parcela de falantes do idioma, como a África subsaariana. A inclusão equitativa dos DROM-COM poderia enriquecer o ensino do francês para turismo, oferecendo uma visão mais abrangente e descolonizada das culturas e geografias francesas ultramarinas.

Nota-se que a autora do livro se preocupou com a representatividade de lugares que fossem além dos países francófonos e tentou trazer diversidade geográfica para o livro, no entanto, é uma diversidade não equânime, uma vez que desconsidera países tão importantes nesse cenário, conforme já discutido.

Se classificarmos os países citados no livro como francófonos e não francófonos, considerando a Suíça como Francófono por ter o francês como um dos quatro idiomas falados no país, podemos constatar que a presença de países não-francófonos no livro é de aproximadamente 54,7%, o que é motivo para questionar a tímida presença de países da América do Sul no material, caso a justificativa fosse prioridade para países francófonos, apesar de a Guiana Francesa, região pertencente à França, estar localizada no referido continente. Este padrão reflete não apenas uma limitação na representatividade geográfica e cultural dos destinos escolhidos, mas também uma perpetuação de uma mentalidade colonial que privilegia certas regiões em detrimento de outras, moldando as experiências turísticas através de uma lente que valoriza o familiar e ocidental, ao mesmo tempo em que marginaliza e exotifica o "outro". Tal abordagem demonstra a necessidade de uma reflexão crítica e decolonial sobre as práticas de ensino do francês do turismo, visando promover uma maior inclusão e valorização das diversidades culturais e históricas de todos os povos e destinos.

A abordagem das paisagens preparadas para serem consumidas pelo olhar turístico, descrita por Boukhris e Peyvel (2019), Carvalho (2007) e problematizada por Conceição e Londero (2017), destaca a forma como certos espaços são transformados e comercializados para atender às expectativas dos turistas, muitas vezes perpetuando estereótipos e visões exotificadas desses locais, prática que embora possa garantir uma experiência agradável e satisfatória do ponto de vista do visitante, não necessariamente proporciona uma conexão cultural autêntica ou significativa, como observado por Zhang *et al.* (2014). As atividades e a infraestrutura turísticas, ao focarem primariamente em agradar e atender às expectativas dos turistas, falham ao não fomentar uma imersão cultural autêntica, sugerindo que a satisfação do turista pode estar desconectada da riqueza das experiências culturais genuínas que os destinos têm a oferecer.

Aproveitando essa discussão e para as subsequentes, incorporamos as contribuições de Palmeira (2018) sobre a exotificação. De acordo com esta autora, a categoria do "exótico" remonta aos primórdios da antropologia, quando usava-se o referido termo para apresentar dicotomias entre o "nós" e os "outros", prática que serviu historicamente para posicionar o Ocidente como o centro de referência cultural e intelectual, marginalizando e exotificando culturas consideradas "outras" (Peirano, 1999; Trouillot, 2003 *apud* Palmeira, 2018). Esta abordagem foi criticada por perpetuar estereótipos e reforçar uma hierarquia cultural que aliena e simplifica as complexidades das culturas estudadas. Segundo Godelier (1992) *apud* Palmeira (2018), a antropologia nasceu em um contexto colonialista e foi moldada pelas teorias evolucionistas que categorizavam, de forma opressora, povos não europeus como "atrasados" ou "selvagens". Trouillot (2003) acrescenta que o "nicho do selvagem" na antropologia nunca foi verdadeiramente questionado até movimentos críticos recentes, como os estudos culturais descritos por Silva e Freire (2013) *apud* Palmeira (2018) e a abordagem decolonial apresentada nas seções anteriores, começarem a desafiar essas noções. Esses estudos propõem uma descentralização da antropologia e uma revisão das práticas etnográficas para incluir vozes subalternas e reconfigurar a representação da alteridade, promovendo uma compreensão mais equânime e inclusiva das diversidades culturais.

Dada essa discussão, duas menções a manifestações culturais chamam a atenção no livro por seu caráter generalista, e por não terem tido sua devida referência retratada, como deve ser feito quando se trata de uma imersão cultural autêntica. No gráfico 01, as representei como país "não identificado" e é onde entra a referência a uma cabana tradicional adjetivada como

“africana” (*cf.* fig. 08, pág. 28) e uma festa marítima (pág. 62), que aos termos do livro pode indicar uma abordagem genérica de algumas regiões geográficas, especialmente quando menciona a África, não especificando o nome do país, mas utilizando o nome do continente, o que não ocorre quando se menciona países de outros continentes. Essa abordagem não apenas desconsidera a identidade única dos destinos, mas também pode levar a uma compreensão homogeneizada e despersonalizada do turismo nessas áreas, o que demonstra como algumas regiões são tratadas como intercambiáveis ou de menor interesse, perpetuando uma visão colonial dos destinos turísticos.

Figura 08: Pág. 28. “Oca africana” em destaque

1 UNITÉ **LES PATRIMOINES CULTURELS** PARLONS CULTURE

1. Ces photos représentent le patrimoine culturel de différents pays. Associez ces phrases aux photos.

- L'artisanat.** Les savoir-faire traditionnels du tissage des tapis, à Kashan en Iran.
- La gastronomie.** Les savoir-faire de la grande cuisine, en France.
- Manifestations festives traditionnelles.** La cérémonie rituelle des Voladores, à Veracruz, – Le carnaval de Binche, en Belgique.
- Art et architecture.** Un moucharabieh marocain. – Une hutte traditionnelle africaine.

2. Quel est le patrimoine culturel de votre pays ? Donnez quelques exemples.

Vocabulaire

- un patrimoine culturel
- un folklore
- une tradition
- une fête traditionnelle
- une danse
- une musique
- un art
- un savoir-faire

28 | vingt-huit

Fonte: <https://www.cle-international.com/adolescents/bon-voyage-niveaux-a1a2-livre-dvd-9782090386790.html>

Esta forma de inclusão de representações de culturas se repete em outros espaços do livro, quando este faz referência a manifestações culturais diversas. A oca ampliada e rotulada como africana (cf. fig.08 pág. 28) contribui para uma representação exotificada e estereotipada das criações tradicionais, destacando apenas sua diferença estética em relação aos padrões eurocêntricos, sem considerar seu significado cultural mais amplo ou o contexto histórico de

colonização e desapropriação de terras, por exemplo. No quarto excerto (*cf.* fig. 04, pág. 24), ao sugerir um circuito que inclui uma visita comentada (com um guia turístico) à "*village traditionnel huron*", o livro deixa escapar uma chance valiosa de discutir a complexidade cultural indígena, optando por retratá-la como uma atração turística superficial. Importante salientar, além disso, que o termo "*huron*", derivado pejorativamente da palavra francesa "*hure*", que significa "brutamontes", revela uma perspectiva pejorativa adotada pelos primeiros colonos franceses em relação aos povos originários do território que atualmente corresponde ao sul de Ontário e a outras regiões da América do Norte, refletindo as visões distorcidas e depreciativas que os colonizadores tinham sobre os Wendat (huronianos), um aspecto crítico que o livro poderia ter explorado de forma educativa. A falta de uma discussão sobre a origem e as implicações do termo "*huron*" omite nuances linguísticas significativas e suas repercussões históricas e culturais, perpetuando estereótipos e visões exotificadas dos povos originários. Reduzir a rica cultura dos huronianos a um mero ponto de interesse turístico não apenas desvaloriza sua herança e as lutas contemporâneas dessas comunidades, mas também alimenta uma narrativa colonial que os objetifica para o entretenimento dos outros. A introdução de notas explicativas ou segmentos que iluminem o contexto e as consequências dessas nomenclaturas poderia enriquecer imensamente o conteúdo educacional, incentivando uma apreciação mais profunda e respeitosa das culturas e histórias indígenas, ao invés de reforçar visões coloniais limitadas. Ademais, a configuração do conjunto exercícios, imagens e textos proposto pela seção *Parlons Culture* na página 40 (*cf.* Fig. 09) promove a inserção dos nativos na mesma categoria dos animais apresentados, ao trazer os termos "*habitat naturel*" e "*espace naturel*", juntando as imagens de um indígena, de animais e da floresta numa mesma composição fotográfica, sugerindo uma visão colonial que os desumaniza e os trata como parte da fauna local ao invés de comunidades com sua própria cultura, história e identidade. Essa objetificação dos povos nativos como elementos decorativos da paisagem natural reforça a narrativa colonial de dominação e exploração, ignorando suas reivindicações de território e de autonomia, desconsiderando que eles também são cidadãos do mundo.

Diante disso, a falta de uma perspectiva crítica na obra, especialmente na seção *Parlons Culture*, é marcante e problemática. Ao contrário do que se poderia esperar, essa seção não incita um debate significativo sobre a concepção de pacotes turísticos ou a representação dos destinos, perpetuando, em vez disso, a idealização dos locais em detrimento de um reconhecimento justo

das comunidades que ali residem. O livro parece substituir a necessidade de autenticidade, de educação e de verdadeira interação cultural, por uma versão de turismo estereotipada e comercializada, que filtra e vende culturas através de uma lente predominantemente eurocêntrica. Tal abordagem vai contra as recomendações de pensadores como Quijano (1992; 2005) e Maldonado-Torres (2018), que enfatizam a importância de um material didático e práticas turísticas que incentivem um diálogo e intercâmbio culturais genuínos, bem como uma compreensão intercultural profunda. Essa perspectiva desafia diretamente as narrativas coloniais dominantes e busca promover um relacionamento mais justo e respeitoso entre turistas e as comunidades visitadas.

Figura 09: Pág. 40 do livro *Bon Voyage*.

2

L'ÉCOTOURISME EN ÉQUATEUR

PARLONS CULTURE

1. Lisez cet article.



L'ÉCOTOURISME, UNE NOUVELLE FAÇON DE VOYAGER

L'écotourisme aide à protéger les habitants locaux. Les visiteurs ont des échanges culturels avec les habitants dans leurs habitats naturels. Ils découvrent ainsi l'artisanat et les traditions locales. Ensuite, l'écotourisme participe au respect des espaces naturels : la faune et la flore sauvages. Les écotouristes sont sensibilisés à la gestion des ressources naturelles, l'eau et la forêt par exemple. En résumé, l'écotourisme respecte autant l'environnement que les populations locales.

2. Complétez les phrases avec les verbes suivants : protéger – respecter – découvrir.

- L'écotourisme permet de ... les traditions.
- Il aide à ... l'environnement naturel.
- Il permet de ... les populations locales.

3. Donnez votre définition de l'écotourisme.



1. La variété des animaux d'Équateur







2. Les cases

5. Dans votre pays, est-ce que l'écotourisme existe ? Qu'est-ce qui est protégé ? D'après vous, est-ce que c'est utile ?

Vocabulaire

• l'écotourisme	(pl. des habitants locaux)	• un habitat naturel
• la gestion	• la faune	• un espace naturel
• la protection	• un animal	• un environnement
• la sensibilisation	(pl. des animaux)	• protéger
• un écotouriste	• la flore	• sensibiliser
• une population	• une ressource	
• un habitant local		



4. Les Huaorani, Amérindiens d'Équateur





3. La forêt d'Équateur, espace naturel des populations locales



5. La très grande richesse des fleurs et des plantes équatoriales.

Fonte: <https://www.cle-international.com/adolescents/bon-voyage-niveaux-a1a2-livre-dvd-9782090386790.html>

Além disso, no contexto do *Bon Voyage*, o silenciamento crítico da autora recai sobre questões éticas envolvidas nos destinos e atividades turísticas mencionadas. Esta lacuna é particularmente preocupante, pois o material educativo, sendo uma extensão da perspectiva de seus criadores, tem o potencial de silenciar debates importantes ao não questionar ou contextualizar suas apresentações (Ghiraldello, 2002). Por exemplo, a menção a atividades controversas, como assistir a corridas de touros ou explorar curtumes tradicionais (prática de

tratamento de couro de animais para a indústria (pág. 56), sugere uma aceitação não crítica de práticas que, embora enraizadas em certas tradições culturais, levantam questões sérias sobre direitos animais, sustentabilidade e impactos sociais. A representação dessas atividades sem um acompanhamento crítico corre o risco de perpetuar uma visão de turismo que valoriza a experiência superficial em detrimento de uma compreensão mais profunda das implicações éticas e culturais. Essa abordagem omite a oportunidade de engajar os estudantes em discussões sobre o turismo responsável e consciente, sublinhando a necessidade de incorporar perspectivas que promovam a reflexão sobre os impactos e a responsabilidade de nossas escolhas turísticas.

5.2 BRANQUITUDE E REPRESENTAÇÕES DO TURISTA

Em seguida, apresentamos uma análise sobre a representação dos estrangeiros no livro didático "*Bon Voyage*", focando nas imagens que retratam sempre turistas, ao invés de profissionais do setor turístico. Considerando o propósito do livro de ensinar francês profissional voltado para o setor do turismo e, ainda, os conteúdos que ensinam a desenvolver estratégias de vendas turísticas, a estética dos cenários apresentados dividem-se entre clientes – que podem ser tanto falantes nativos do francês, quanto estrangeiros, aprendizes da língua – e profissionais do turismo, em que um assume o papel de cliente e o outro, o de prestador de serviço. Esta dicotomia destaca uma interessante dinâmica de interação cultural e linguística que reflete não apenas no aprendizado da língua, mas também nas percepções e expectativas sobre o turismo e a interculturalidade. Tal observação nos convida a refletir sobre a importância de representações mais inclusivas e diversificadas no material didático, que possam abranger a ampla gama de identidades e experiências dos viajantes globais, promovendo uma compreensão mais rica e profunda das interações no contexto turístico.

O *Bon Voyage* traz 4 páginas em que a imagem (foto) é usada para retratar o turista, a pessoa que viaja, o cliente de forma bem evidente (em fácil visualização, ampliada). A primeira é a página 19 (*cf.* fig. 10), capa de introdução da Unidade 1 (*Visite Guidée*), onde aparecem três pessoas brancas em fila (duas mulheres e um homem), todas usando capacetes e sorrindo enquanto andam de Segway por um caminho que parece ser em um parque, cercado por vegetação; a página 32 que traz pessoas brancas em diversas atividades turísticas, como caminhadas, natação, dança e andar de caiaque e bicicleta; a página 40 (*cf.* fig. 09) que traz pessoas brancas representando ecoturistas envolvidas em alguma interação com artesanato e

tradição local; a página 43 (*cf.* fig. 11) traz uma mulher branca em pés sorrindo puxando uma mala, compondo a capa de abertura da unidade 3 (*Arrivées, départs*), representações que levantam questões sobre a diversidade nas imagens de turistas e a maneira como as experiências turísticas são visualmente construídas no material didático, contribuindo para uma narrativa que perpetua dinâmicas de poder e hierarquias coloniais.

A primeira questão refletida nas imagens descritas anteriormente está no embranquecimento representado. Nenhuma das fotos mostra pessoas negras figurando como turista, cliente ou viajante. Apesar da diversidade geográfica em termos de países que se tem no livro e, ainda assim, de forma limitada, as imagens em questão carregam um padrão de pessoas brancas, com cabelos loiros, passando uma ideia limitada de diversidade de cor de pele. Se considerarmos que a única representação de cor de pele do turista é essa, podemos inferir que mais uma vez o livro contribui para uma ideia de poder e narrativa colonial em que o branco é apresentado como o explorador que viaja para "descobrir" outras culturas e o "outro" é configurado como aqueles que diferem dessa imagem padronizada do turista, enfatizando um contraste que perpetua estereótipos raciais e culturais. Essa constatação corrobora com o trabalho de Hintze e Júnior (2012) que, ao analisarem a representatividade nas publicações da revista *Viagem e Turismo*, evidenciaram a rara apresentação de pessoas negras como turistas, retratando-as mais frequentemente em papéis de servidores ou como figuras ditas “exóticas”. Da mesma forma, Oliveira (2020a), em sua análise da revista *Viaje Mais Luxo*, identificou uma evidente associação entre turismo de luxo e branquitude, revelando que apenas 11,23% do conteúdo publicitário incluía pessoas negras, e destas, uma porção ainda menor, 6,31%, era mostrada em material editorial, quase sempre em posições de servidão. Já à luz das palavras de Kilomba (2019) essa situação compõe um cenário de racismo:

No racismo, corpos negros são construídos como corpos impróprios, como corpos que estão “fora do lugar” e, por essa razão, corpos que não podem pertencer. Corpos brancos, ao contrário, são construídos como próprios, são corpos que estão “no lugar”, “em casa”, corpos que sempre pertencem a todos os lugares e continentes (Kilomba, 2019).

Figura 10: Pág. 19. Imagem do estrangeiro



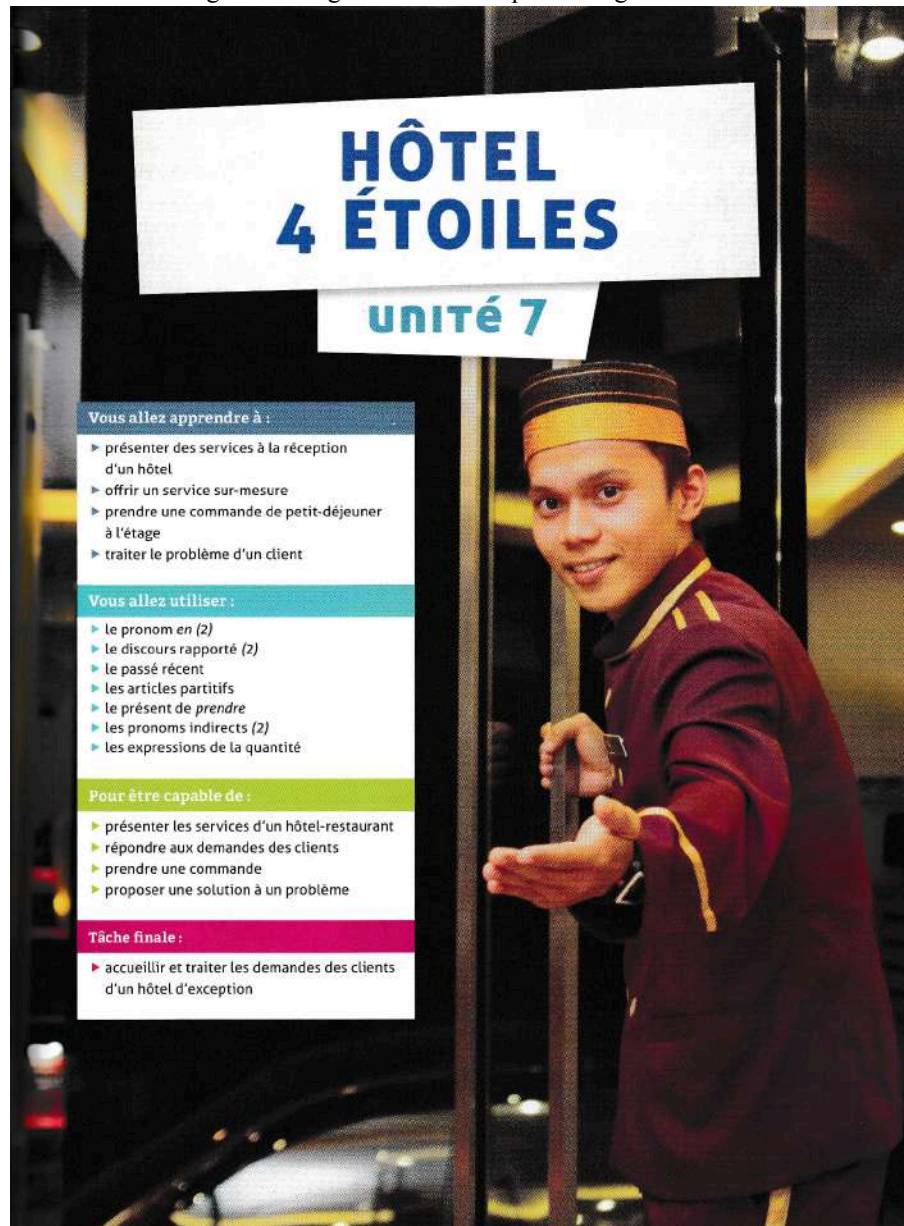
Figura 11. Pg. 43. Imagem do estrangeiro



Fonte: <https://www.cle-international.com/adolescents/bon-voyage-niveaux-a1a2-livre-dvd-9782090386790.html>

Essa questão fica particularmente evidente quando contrastamos as imagens anteriores com a imagem que compõe a página 91 (cf. fig. 12), que possui a mesma função de ser a capa de unidade (a 7), porém, desta vez veicula uma pessoa de pele e cabelo escuros usando um uniforme de hotel, que inclui uma boina e um blazer bordô com detalhes dourados, parado em uma porta, aparentemente abrindo-a ou segurando-a aberta, com postura e expressão que sugerem que ele está pronto para ajudar ou receber hóspedes. Do lado esquerdo da imagem, há um texto destacado em uma coluna com uma lista de aprendizados e tarefas relacionadas ao serviço em um hotel de quatro estrelas, ou seja, a imagem da pessoa negra é associada à função de servidão e não como pessoa turista ou viajante, como nas imagens anteriores.

Figura 12: Pág. 91. Retrato da pessoa negra no livro



Fonte: <https://www.cle-international.com/adolescents/bon-voyage-niveaux-a1a2-livre-dvd-9782090386790.html>

A página 40 (cf. fig 13) é composta por dois elementos: uma imagem e um texto. A imagem, conforme já discutido, além de evidenciar pessoas brancas no papel de turistas, as insere num cenário de interação com a população local do Equador.

Figura 13: Pág. 40. Turista branco como benevolente



Fonte: <https://www.cle-international.com/adolescents/bon-voyage-niveaux-a1a2-livre-dvd-9782090386790.html>

Esta escolha visual contribui para a construção de uma narrativa de salvacionismo e superioridade quando combinada com o texto que contextualiza a interação sob a ótica do Ecoturismo, frequentemente promovido como uma prática turística positiva. O texto emprega expressões como "ajuda a proteger os moradores locais" (*aide à protéger les habitants locaux*) e "descobrem o artesanato e as tradições locais" (*Ils découvrent ainsi l'artisanat et les traditions locales*) que, enquanto tentam ressaltar os aspectos positivos do Ecoturismo, inadvertidamente reforçam uma abordagem que coloca os turistas brancos em uma posição de benfeitores e os moradores locais como passivos e necessitados de ajuda externa. Tal representação ressoa com a mentalidade colonial, discutida na seção 2, desvalorizando as comunidades locais e enfraquecendo sua autonomia, viés que não apenas sustenta relações de poder desequilibradas, mas também contribui para a perpetuação de estereótipos e narrativas colonialistas, desconsiderando a capacidade das comunidades locais de se representarem e serem agentes ativos em sua própria cultura e turismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As escolhas dos destinos e suas representações no material didático *Bon voyage* (Dussac, 2017) podem influenciar a percepção dos estudantes sobre diferentes culturas e regiões, além de refletir as relações de poder no cenário global. Uma representação equitativa e consciente promove tolerância e apreciação da diversidade, enquanto uma desequilibrada pode perpetuar estereótipos. Portanto, é crucial que autores e educadores proporcionem um contexto que encoraje uma compreensão crítica das relações globais e do poder cultural, destacando a importância de uma representação equitativa e reflexiva.

Este trabalho dedicou-se a explorar as narrativas e representações culturais presentes no material didático acima citado, empregado no ensino de Francês para fins específicos no turismo, sob a ótica dos estudos decoloniais. A investigação revelou que as escolhas dos destinos turísticos e suas representações no livro didático podem, intencionalmente ou não, perpetuar uma visão eurocêntrica que favorece certas regiões em detrimento de outras, refletindo e reforçando as relações de poder no cenário global.

Ao longo deste trabalho, foi evidenciado que, além de influenciar a percepção dos estudantes sobre diversas culturas e regiões, tais representações servem como veículo para a manutenção de estereótipos coloniais. Essa prática não apenas distorce a realidade das culturas representadas, mas também limita a compreensão dos estudantes sobre a complexidade e a riqueza das interações globais, razão pela qual sublinha-se a necessidade urgente de revisar os materiais didáticos usados no ensino de línguas para fins específicos, para que transcenda os clichês turísticos e promova um entendimento mais profundo e equitativo das culturas.

Além disso, esta pesquisa aponta para a importância de engajar os alunos em uma reflexão crítica sobre como as culturas são apresentadas e comercializadas no turismo. Isso inclui a promoção de uma consciência crítica sobre as narrativas que escolhem e as histórias que contam. Por conseguinte, é crucial que os educadores e autores de materiais didáticos proporcionem um contexto que não apenas exponha os alunos a uma variedade de perspectivas culturais, mas que também os encoraje a questionar e analisar criticamente as relações de poder e a representação cultural nos conteúdos estudados.

Uma representação equitativa e consciente nos materiais didáticos pode servir como uma ferramenta poderosa para promover a tolerância e a apreciação da diversidade, desafiando os

estereótipos e contribuindo para a formação de um pensamento crítico nos estudantes, que podem ser, conforme o contexto do lócus da presente pesquisa, futuros negociadores internacionais do setor do turismo. Portanto, a escolha de conteúdos que refletem verdadeiramente a diversidade do mundo francófono, incluindo as nações africanas, onde encontra-se a maior porcentagem de falantes da língua francesa, e outras regiões frequentemente marginalizadas, como os DROM-COM, torna-se essencial para uma educação verdadeiramente global e inclusiva.

A pesquisa destaca que a responsabilidade dos educadores é imensa, pois através de suas escolhas pedagógicas podem fomentar uma nova geração de profissionais do turismo que não apenas entendam a complexidade das relações globais, mas que também atuem como agentes de mudança, promovendo práticas mais justas e sustentáveis no turismo mundial.

Este trabalho também oferece contribuições significativas para os estudantes do curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais (LEANI) ao promover uma compreensão mais crítica e decolonial do material didático utilizado para o ensino de francês voltado ao turismo. Ao desvendar as representações culturais e sociais entrelaçadas no livro "*Bon Voyage! Français du Tourisme*", este estudo incentiva os alunos a questionarem e refletirem sobre as narrativas coloniais frequentemente incrustadas nos recursos educacionais. Tal abordagem não só enriquece o repertório crítico dos alunos como futuros profissionais do turismo internacional, mas também os capacita a reconhecer e desafiar as sutilezas das dinâmicas de poder que moldam as interações culturais e comerciais no campo globalizado. Em última análise, este trabalho visa equipar os estudantes com ferramentas para uma prática profissional mais consciente e eticamente orientada, que valorize a diversidade e a equidade cultural nas suas futuras carreiras.

Em última análise, este estudo não apenas iluminou as problemáticas existentes, mas também sugeriu caminhos para uma prática educacional que valorize e respeite a diversidade cultural e humana.

REFERÊNCIAS

- ADLER, N. J.; GUNDERSON, A. **International Dimensions of Organizational Behavior**. 5. ed. Cincinnati: South-Western College Publishing, 2008
- ALAM, M. Shahid. Some Economic Results of the Civilizing Mission. 2005. **MPRA Paper** No. 1265, janeiro 2005. Universidade, Boston, MA 02115, atualizado em 30 de dezembro de 2006. Disponível em: https://mpa.ub.uni-muenchen.de/1265/1/MPRA_paper_1265.pdf Acesso em: 16 mar 2024.
- ANTA-FELEZ, Jose-Luis. El turismo en el espacio andino: colonialismo, simulacro y memoria = Tourism in the Andean space: colonialism, simulation and memory. *Revista Andaluza de Ciencias Sociales*, n. 20, p. 219-233, 2021. ISSN 1696-0270; e-ISSN 2340-4973. DOI: <http://10.12795/Anduli.2021.120.12>.
- BALESTRIN, L. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**. n. 11. Brasília, p. 89-117, 2013. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rbcp/article/view/2069> Acesso em: 10 abr 2024
- BRASIL. Ministério do Turismo. **Anuário Estatístico de Turismo 2021**: ano base 2020. 2. ed. São Paulo, SP: Coordenação-Geral de Dados e Informações (CGDI), Subsecretaria de Gestão Estratégica (SGE), Secretaria Executiva (SE), Ministério do Turismo (MTur), 2021. v. 48. Disponível em: <http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/2016-02-04-11-53-05.html> . Acesso em: 09 abr. 2024.
- BRASIL. Ministério do Turismo. **Estatísticas e Indicadores - Turismo Mundial**. Disponível em: <http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/estat%C3%ADsticas-e-indicadores/estat%C3%ADsticas-e-indicadores-turismo-mundial.html> . Acesso em: 20 mar. 2024.
- BRITO, Daline da Costa. **Paisagem e turismo**: contemplação, percepções e consumo no município de Tutoia-MA. 2021. 34 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Turismo) - Universidade Federal do Maranhão, São Bernardo - MA, 2021.
- BOUKHRIS, Linda; PEYVEL, Emmanuelle. O Turismo frente aos desafios dos paradigmas pós e decoloniais. *Via*, [S.l.], n. 16, 2019. Disponível em: http://journals.openedition.org/via_tourism/4111. DOI: <https://doi.org/10.4000/viatourism.4111>. Acesso em: 01 mar. 2024.
- CASTRO-GÓMEZ, S. Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da invenção do outro. In: LANDER, E. (org) **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. Colección Sur Sur, CLACSO, Buenos Aires, Argentina. 2005.
- COELHO, Eduardo de Ávila. **O Turismo é colonizador**: bases comunitárias para um turismo libertador – experiências decoloniais na Amazônia Brasileira e na Savana Africana. 2022. 483 p. Tese (Doutorado em Geografia - área de concentração Análise Ambiental) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/48803> Acesso em: 23 mar 2024

CONCEIÇÃO, R. A. M.; LONDERO, R. R. Contribuições para crítica ao turismo de experiência: o fetichismo da mercadoria-turismo. In: AZEVEDO JUNIOR, Aryovaldo de Castro; TEIXEIRA FILHO, Clóvis; CAMARGO, Hertz Wendel de; CRESTO, Lindsay (Org.). IX Encontro de Pesquisa em Comunicação, VI Encuentro de la Red Latinoamericana de Investigadores de Publicidad e II Consumo Sul: Encontro de Consumo e Modos de Vida da Região Sul: **anais**. Curitiba: Syntagma Editores, 2017.

CUQ, J.P. ; GRUCA, I. **Cours de didactique du français langue étrangère et seconde**. Grenoble: PUG, 2005.

CUMMING, G. D. Commonwealth and Francophone summits: Towards a new sense of purpose? **Journal of Contemporary European Studies**, v. 11, n. 2, p. 201-213, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/1460846032000164627>. Acesso em: 02 mai. 2024.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

HALL, S. **Cultural Studies and its theoretical legacies**. In: GROSSBERG, L.; NELSON, C.; TREICHLER, P. A. (Ed.). **Cultural Studies**. Nova Iorque: Routledge, 1992. p. 277-294.

CARVALHO, André Luiz Piva de. A cultura da imagem espetacular no turismo: Um estudo sobre a formatação cênica dos produtos turísticos. In: Encontro de estudos multidisciplinares em cultura (ENECULT), 3., 2007, Salvador. **Anais**. Salvador: Faculdade de Comunicação/UFBa, 2007

CRESTINCOV, Renato. **Francês para objetivo específico para guias de turismo no estado de São Paulo**: especificidades para a elaboração de um programa de ensino. 2021. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8163/tde-06072022-161154/> . Acesso em: 20 mar. 2024

DENZIN N. K.. Triangulation 2.0. **Journal of Mixed Methods Research** . v 6, n.2, p.80-88, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1177/1558689812437186>

DWYER, L. Globalization of tourism: Drivers and outcomes. **Tourism Recreation Research**, [s.l.], v. 40, p. 326-339, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/02508281.2015.1075723>. Acesso em: 09 abr 2024.

PIMENTEL, Duarte T.; PAULA, S C.; OLIVEIRA, M.C. Uma reflexão sobre a qualificação na formação em turismo: relevancia da micro e pequena empresa para o destino turístico. **Turismo y Sociedad**. 18, 2016, p. 159–177. DOI:<https://doi.org/10.18601/01207555.n18.09>.

DUNBAR-ORTIZ, Roxanne. **An indigenous peoples' History of the United States**. Boston: Beacon Press, 2014.

DUSSAC, Elisabeth. **Bon voyage**: Français du Tourisme. Paris: CLE International, 2017

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970..

GARCÍA, Marta Rizo. Comunicación e interculturalidad: Reflexiones en torno a una relación indisoluble. **Global Media Journal México**, v. 10, n. 19, p. 26-42, 2013. ISSN: 2007-2031. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=68726424002> . Acesso em: 19 mar. 2024

GHIRALDELO, Claudete Moreno. As representações do estrangeiro em atividades de livros didáticos de língua portuguesa. **Revista Fragmentos**, número 22, p.61/78 Florianópolis/ jan-jun/2002.

HIGGINS-DESBIOLLES, Freya; POWYS WHYTE, Kyle. Critical perspectives on tourism. **The Wiley Blackwell companion to tourism**, p. 88-98, 2014.

HINTZE, Helio e ALMEIDA JÚNIOR, Antonio Ribeiro. **Estudos críticos em turismo: a comunicação turística e o mito da democracia racial no Brasil**. Revista Turismo & Desenvolvimento, v. 1, n. 17/18, p. 57-72, 2012 Tradução. Disponível em: <https://doi.org/10.34624/rtd.v1i17/18.12767> . Acesso em: 04 abr. 2024

HOFSTEDE, G. **Culture's Consequences: International Differences in Work-Related Values**. Beverly Hills, London: Sage Publications, 1980

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008

LANDER, Edgardo; CASTRO-GÓMEZ, Santiago. **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales: perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires: Clacso, 2000

LOVATO, Fabricio Luís; MICHELOTTI, Angela; DA SILVA LORETO, Elgion Lucio. Metodologias ativas de aprendizagem: uma breve revisão. **Acta Scientiae**, v. 20, n. 2, 2018.

MAINARDES, Jefferson; MARCONDES, Maria Inês. Reflexões sobre a etnografia crítica e suas implicações para a pesquisa em educação. **Educação e Realidade** [online], v. 36, n. 02, p. 425-446, 2011.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre a colonialidade do ser: Contribuições para o desenvolvimento de um conceito. **Estudos culturais** , v. 21, n. 2-3,, 2007. p. 240-270

_____. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO, C.; MALDONADO-TORRES, S.; GROSFOGUEL, R. (Orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2018.

_____. Colonialism, neocolonial, internal colonialism, the postcolonial, coloniality, and decoloniality. In: **Critical terms in Caribbean and Latin American thought: Historical and institutional trajectories**. New York: Palgrave Macmillan US, 2016a. p. 67-78.

_____. Outline of ten theses on coloniality and decoloniality. Fondation Frantz Fanon. 2016b. Disponível em:

https://caribbeanstudiesassociation.org/docs/Maldonado-Torres_Outline_Ten_Theses-10.23.16.pdf f Acesso em: 22 mar 2023

_____. The Latina/o Academy of Arts and Sciences: Decolonizing Knowledge and Society in the Context of Neo-Apartheid. **Harv. Latino Law Review**, v. 14, p. 283, 2011a.

MANGIANTE, Jean-Marc; PARPETTE, Chantal. **Le français sur objectif spécifique: de l'analyse des besoins à l'élaboration d'un cours**. Paris: Hachette, 2004.

MEMMI, A. **The colonizer and the colonized**. Earthscan Publications: London, 2003.

MIGNOLO, W. The Decolonial Option. In: MIGNOLO, W.; WALSH, C. **On decoloniality: concepts, analytics, praxis**. Durham: Duke University Press, 2018.

MOREIRA, Glauber Lima; CASTELO BRANCO, Deoclides Barros; CARVALHO, Adriana da Rocha. Crenças dos Profissionais de Turismo sobre a Relevância do Ensino de Espanhol como Língua Estrangeira – ELE. **Conexões - Ciência e Tecnologia**, [S. l.], v. 11, n. 3, p. 24–34, 2017. DOI: 10.21439/conexoes.v11i3.905. Disponível em: <https://conexoes.ifce.edu.br/index.php/conexoes/article/view/905>. Acesso em: 6 abr. 2024.

NACIONES UNIDAS; UNWTO. **Recomendaciones internacionales para estadísticas de turismo** – 2008. Madrid; Nueva York: Naciones Unidas, [s.d.]

OLIVEIRA, Luiz Fernandes; SILVA, Danielle Tudes Pereira. Os significados da perspectiva Modernidade/Colonialidade. **Revista Eletrônica Pesquiseduca**, [S. l.], v. 11, n. 23, p. 07–19, 2019.. Disponível em: <https://periodicos.unisantos.br/pesquiseduca/article/view/873/pdf>. Acesso em: 10 out. 2023.

OLIVEIRA, Natália Araújo de. Representação e representatividade dos negros em uma revista de turismo de luxo do Brasil. In: (Anptur, Org.). XVII Seminário ANPTUR 2020a, online. **Anais[...]**. online. Disponível em: <https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/17/1738.pdf> Acesso em: 4 abr. 2024

Organisation internationale de la Francophonie. **La Langue Française dans le monde: synthèse** 2022. Paris: Gallimard, 2022. Disponível em: https://www.francophonie.org/sites/default/files/2022-03/Synthese_La_langue_francaise_dans_le_monde_2022.pdf Acesso em: 14 abril 2024

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. **Introdução ao turismo**. Tradução: Dolores Martin Rodriguez Córner. São Paulo: Roca, 2001

PALMEIRA, Lara Virgínia Saraiva. Reflexões sobre a profissão de modelo: a categoria do exótico na moda e na Antropologia. **dObra [s]–revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda**, v. 11, n. 23, p. 182-196, 2018.

PERUCHI, Ingrid Bueno. Representações de cultura em livros didáticos de francês língua estrangeira. **Sínteses-Revistas dos Cursos de Pós-Graduação**. ISSN 1981-1314, p. 453-467, v. 10, 2005.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y modernidad/racionalidad. **Peru indígena**, Lima, v. 13, n. 29, p. 11-20, 1992.

QUIJANO, A. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, E. (Org). **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales Perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 201-246.

QUINTERO, P.; FIGUEIRA, P.; ELIZALDE, P. **Uma breve história dos estudos decolonias**. São Paulo: MASP-Afterall, 2019. Disponível em: <https://masp.org.br/uploads/temp/temp-QE1LhobgtE4MbKZhc8Jv.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2020.

RAMÍREZ-MUÑOZ, Alejandra. **La Francia de Ultramar en la didáctica del FLE**. 2015. 99 p. Trabajo Fin de Master. (Master en Profesorado de ESO y Bach., FP y Esc. Id) - Centro de Estudios de Postgrado, Universidad de Jaén. 2015. Disponível em: <https://crea.ujaen.es/bitstream/10953.1/2676/1/ALEJANDRA%20RAMÍREZ%20MUÑOZ.pdf> . Acesso em: 14 abr. 2024.

RAMOS, N. **Educar para a interculturalidade e cidadania: Princípios e desafios**. L. ALCOFORADO et al. (Org.), Educação e Formação de Adultos. Políticas, Práticas e Investigação. Coimbra: Ed. da Universidade de Coimbra, p. 189-200, 2011

ROSALEM, Vagner; SANTOS, Antônio Carlos dos. Globalização social: desafio do século XXI. **Revista de Administração da Universidade Federal de Santa Maria**, Santa Maria, v. 3, n. 2, p. 183-190, maio-ago. 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=273420396002>. Acesso em: 16 abr. 2024.

SANTANNA, R. C. B.; PAIVA JR., F. “Triangulação metodológica na pesquisa qualitativa: um estudo em periódicos brasileiros voltados ao turismo”. **Revista Brasileira de Administração Científica**, vol. 13, n. 1, 2022

SANTARONI, Suzana Darlen dos Santos; LAGARES DIEZ, Xoán Carlos. Representações da francofonia: uma abordagem crítica sobre o uso e o desuso de livros didáticos na formação de professores de francês língua estrangeira. In: **Cadernos do CNLF**, vol. XVIII, n. 10, Linguagem, teoria, análise e aplicações: línguas clássicas, textos clássicos, línguas estrangeiras e tradução (2ª edição, revista e ampliada). Rio de Janeiro: Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos, Universidade Estácio de Sá – Campus Nova América, 2014. p. 176-191. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xviii_cnlf/cnlf/10/Cad_CNLF_XVIII_10_linguas_classicas.pdf . Acesso em: 03 mar 2024

SARDAR, Ziauddin; Loon, Borin Van. **Introducing Cultural Studies** (Graphic Guides). Icon Books. : 2012, pp. 6-20. Kindle Edition

SANTOS, Antónia Baptista Mósso. **O turismo e a percepção dos seus impactes pela comunidade local: o caso da Ilha do Sal, Cabo Verde**. 2011. 237 p. Dissertação (Mestrado em Cidadania Ambiental e Participação) - Universidade Aberta, Lisboa, 2011.

SPIVAK, G. **Pode o subalterno falar?** Editora UFMG: Belo Horizonte, 2010.

TEIXEIRA, J. C., NASCIMENTO, M. C. R.; ANTONIALLI, L. M. Perfil de estudos em Administração que utilizaram triangulação metodológica: uma análise dos anais do EnANPAD de 2007 a 2011. **Revista de Administração**, v.48, n.4, p.800-812, 2013. DOI: <https://doi.org/10.5700/rausp1122>.

THOMAS, D. C.; INKSON, K. **Cultural Intelligence: Living and Working Globally**. San Francisco: Berrett-Koehler Publishers, 2004

TONDELLI, M. de F. **A influência da língua estrangeira na empregabilidade de profissionais da área tecnológica no setor industrial**: Um estudo exploratório na região norte do Paraná. 2005 (Dissertação de Mestrado) — Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Ponta Grossa, 2005

UFPB. Curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações. **Projeto Pedagógico do Curso**. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. João Pessoa: 2017. Disponível em: https://sigaa.ufpb.br/sigaa/public/curso/ppp.jsf?lc=pt_BR&id=1626814 Acesso em: 09 abr. 2024.

VIEIRA, Laura Carolina. Banhos-de-cheiro aos turistas: relações entre medicinas tradicionais e o turismo em ambiente comercial e cultural. Belém/PA.. **Amazônica - Revista de Antropologia**, [S.l.], v. 14, n. 1, p. 31-60, maio 2022. ISSN 2176-0675. Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/amazonica/article/view/10593/8731>>. Acesso em: 12 abr. 2024. doi:<http://dx.doi.org/10.18542/amazonica.v14i1.10593>

ZHANG, Hongmei; FU, Xiaoxiao; CAI, Liping A.; LU, Lin. Destination image and tourist loyalty: A meta-analysis. **Tourism Management**, v. 40, p. 213-223, February 2014. Disponível em: https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0261517713001258?casa_token=mJOetr4zIwkAAAAA:fUHpLULijEeQXiEXlbNNj3FlgeJxfZH4vkxmUJEX3DjtsC_DzXkTWZJGtOx7otzk5QReIVQAH4. Acesso em: 29 de março de 2024